

AKSHORÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS
Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil



Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Lugar Tenente Comendador

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Ministro de Estado

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Maurício Soares, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

José Alves de Alencar, 33º
Grande Chanceler Guarda do Selo

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º †
Brasil

Geraldo de Souza, 33º †
Brasil

Ballo Geay Yacouba, 33º
Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º
Polônia

Carlos Reyes Geenzier, 33º
Panamá

Henri L. Baranger, 33º
França

José Carlos D. Silva Nogueira, 33º
Portugal

Agostinho Fernandes Garcia, 33º
Portugal

Membros Efetivos

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Atyla Quintaes Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco "Bonato" Pereira da Silva (24/09/2002)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

Nelson Gonçalves Correlo (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes (30/9/2006)

João Antonio Aidar Coelho (26/07/2008)

Maurício Soares, 33º (18/09/2008)

Rui Silvio Stragliotto, 33º (20/06/2009)

Irineu Ramazzotti, 33º (04/09/2012)

Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º (13/11/2012)

Manif Antônio Torres Julio, 33º (23/09/2014)

Antônio Luiz Corrêa, 33º (23/09/2014)

Anderson Pinto Verçosa Simões, 33º (23/09/2014)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



Revista Astréa

Órgão Oficial do Supremo Conselho
Grau 33º do Rito Escocês Antigo
e Aceito da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil

Fundada em 1º de janeiro de 1927,
pelo Ir.: Mario Behring, 33º

Registro 009-R na Associação
Brasileira da Imprensa Maçônica

Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**
Soberano Grande Comendador

Jornalista Responsável

Ir.: **João Guilherme C. Ribeiro, 18º**
OJB 242

Redator

Ir.: **Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Ricardo Sodré Lira Brandão, 33º**

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional
Rua Bispo Lacerda, 22 - Del Castilho
21051-120 - Rio de Janeiro RJ

Impressão

Sumaúma Editora e Gráfica Ltda.
Rua Alencar Lima, 26 - Centro
25620-050 - Petrópolis, RJ
sumauma@e-tribuna.com.br

Tiragem desta Edição:

19.000 exemplares

Correspondência

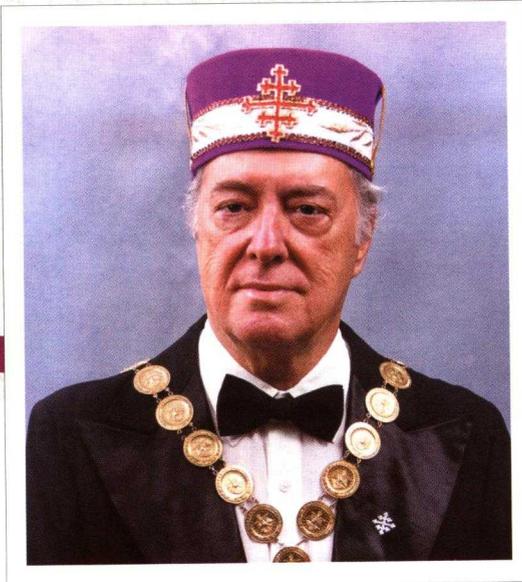
Revista Astréa
Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Telefone: (21) 3369-8000

www.sc33.org.br
secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta
revista são de inteira
responsabilidade de seus autores.

CORRUPÇÃO



Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

“Ainda há Juizes no Brasil”

Meus Valorosos Irmãos

Lembro-me que, há algum tempo, escrevi nesta *Revista Astréa* mensagem com o idêntico tópic: “**Corrupção**”.

Dissertando sobre o Tema repetí, com as devidas alterações, velho dito: “**Ou o Brasil acaba com a corrupção ou a corrupção acabará com o Brasil**”.

É verdade que o Brasil não acabou, até agora, porém a corrupção quase aniquilou com a maior de nossas empresas: a Petrobrás.

Ícone de gerações, a Petrobrás foi o corolário de forte desejo nacional.

Lembro-me das pregações de **Monteiro Lobato**, enfatizando a proteção de uma das maiores riquezas nacionais.

Tornou-se realidade o sonho dos brasileiros. Criou-se a indústria petrolífera, sob a égide da maior empresa brasileira. Grande propulsora da economia em nosso país, tornou-se grande entre as grandes em todo o mundo.

E o que sucedeu? Vemos, hoje, a outrora grandiosa Petrobrás exangue, depauperada pela corrupção. Agora, para nossa Suprema humilhação, a ONG “**Transparência Internacional**” vem de classificar a corrupção na Petrobrás como a “**segunda (2ª) maior do mundo**”.

Entre os protagonistas dessa triste proeza, estão nomes pomposos nas classes política e

empresarial. Quantos desses meliantes encontram-se atrás das grades prisionais, obrigados a devolver parte da rapinagem?

Surgiu no Paraná um intemorato juiz, amparado pelo profícuo trabalho do Ministério Público e da Polícia Federal. Seu sobrenome preocupa-me, pois me vem à mente o sucedido a outro herói na luta contra a corrupção: **Aldo Moro**, político italiano.

Por sorte os Tribunais vêm mantendo as decisões do ínclito Juiz de Direito **Sérgio Moro**.

O terror que os meliantes aparentavam parece desvanecer-se; pouco a pouco iniciam movimento contrário à Justiça, atacando suas decisões increspando-as de toda a sorte de adjetivos, inclusive de inquisitoriais.

É tudo previsível, em face dos poderosos meliantes e de seus excelentes defensores.

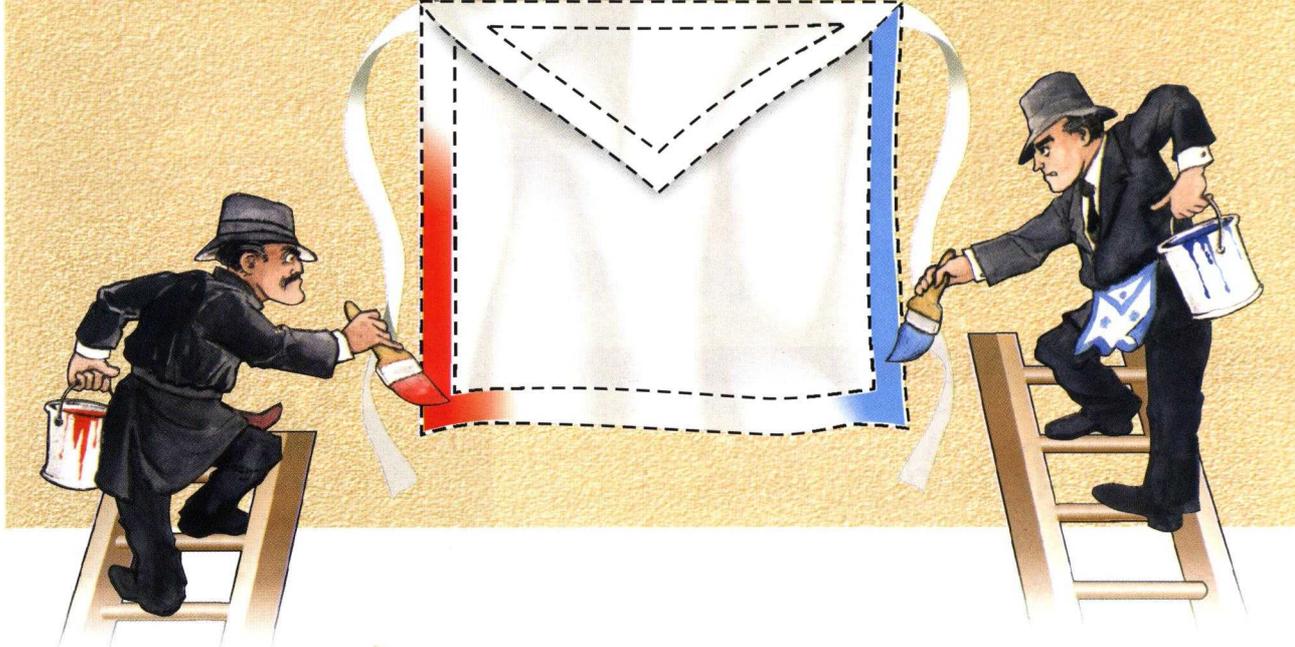
É necessário, pois, uma forte anteposição ao desejo de impunidade.

Nossa Ordem, por sua penetração no conceito popular, por suas finalidades em favor da Justiça, da Igualdade e da Felicidade de toda a Humanidade, sendo que o Brasil dela é integrante, deve, e pode, compor-se com a necessidade de proteger a ação regeneradora da decência no trato da coisa pública.

Afinal os grandes perdedores somos o **Povo Brasileiro**. ▲

O Grande Arquiteto do Universo iluminará nossos esforços.





O Azul e o Vermelho na Orla do Avental de Mestre, no Rito Escocês Antigo e Aceito

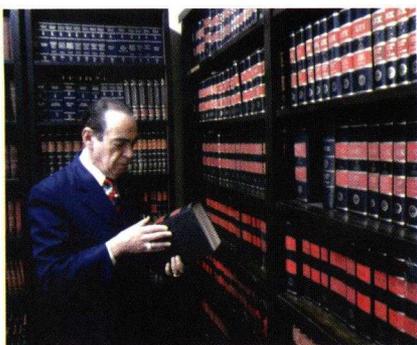
*Irm.: Joaquim da Silva Pires, M.: I.:
GOB – São Paulo-SP (*)*

Apesar de já transcorridos cinquenta e seis (56) anos, desde a memorável noite em que fui agraciado com os fulgores da Luz Maçônica, voltei a sentir maravilhoso e insopitável arrebatamento, ao ser convidado a escrever este artigo na tradicional *Astréia*, convite esse configurador de um sonho esplendoroso, que eu imaginava inatingível, e ao qual eu, sem encontrar vocábulos verdadeiramente à altura da auspiciosa homenagem, só posso responder com um sincero muito obrigado!

Entretanto, sinto que o reverso da rutilante láurea suscita o peso de uma arquejante responsabilidade. Em decorrência, vou, aqui, reproduzir antigo trabalho, por ser um dos meus preferidos. Antes de, pela primeira vez, iniciar sua elaboração, tive a cautela de abrir as portas de um meu velho armário de relíquias maçônicas. O silêncio do recinto permitiu que eu ouvisse o ranger das pequenas dobradiças. Elas me pareceram grandes carretilhas, des-

lizando nos trilhos de rendilhada cortinas teatrais, só ainda entre mostrando o vistoso cenário de uma peça ansiosamente aguardada. Sempre que abro aquelas portas derramo sobre seu conteúdo as mesmas hiperbólicas exclamações diante de preciosas e magnetizadas provas documentais, que me socorrem há décadas, preenchendo as desmesuradas lacunas do meu desconhecimento. Mas, neste momento, para minha surpresa evitando que eu me perca em labirínticos devaneios, sou alertado por uníssonos e altissonantes clarins soprados pelos pragmáticos arautos do meu inconsciente, retinindo em cântico de alvorada e exigindo que eu desperte das multicolores metáforas, deixe de lado visões abstratas e caminhe pela verdejante seara dos fatos concretos.

Assim mesmo, protelando o término desta introdução, chega-me memória a imagem de expressivo



(*) O Irm.: Joaquim da Silva Pires, M.: I.:, portador da maior láurea concedida pelo *Grande Oriente do Brasil*, a *Augusta Comenda da Ordem de D. Pedro I*, é Orador Emérito da *ARLS Estrella da Syria* e Membro Honorário da *ARLS Piratininga*, ambas de São Paulo-SP. Historiador maçônico e ritualista, escreveu seis livros e está preparando um sétimo.



Obreiro, já falecido, que, exageradamente entusiasmado pela Maçonaria, colocou-a acima de sua própria vida particular, criando, pois, para si, uma exigência completamente desbordante dos postulados da Sublime Instituição, que nunca nos pede acima do que lhe podemos dar. Extremado em seus árdegos pronunciamentos, ele granjeou admiradores, mas, também e em sentido contrário, criou inúmeros e estridulosos pontos de atrito, porque todos aqueles que se destacam, tenham ou não tenham méritos, estão sujeitos a esse contraste. Muito esforçado, estudou e escreveu muito, o que veio a transformá-lo em um dos mais consultados oráculos brasileiros, no âmbito concernente a assuntos maçônicos. Porém, às vezes, confiando muito em sua intuição e em seu discernimento, foi traído por enganosos fatos históricos, que o conduziram, infelizmente, a conclusões discutíveis e até mesmo desacertadas, por lhe faltarem imprescindíveis documentos primários.

Quando o citado estudioso ingressou na Maçonaria, o que ocorreu seis anos após ter eu nela ingressado, a orla do avental de Mestre, no *Rito Escocês Antigo e Aceito*, do *Grande Oriente do Brasil*, era, realmente, vermelha, ou seja, escar-

late no Ritual de 1955 e vermelha no Ritual de 1958. Depois disso, foi azul, com um debrum vermelho e, em seguida, somente azul, cor que (destaco pela sua relevância) a referida potência maçônica já havia usado desde 1889 até 1954. Por isso, desconhecendo esse fato, porque nunca lhe chegaram às mãos os respectivos Rituais, aquele pesquisador acreditou que a cor azul, em lugar da cor vermelha, fosse apenas “uma infeliz inovação”, e passou a alegar, erroneamente, que seria vermelha a orla do avental de Mestre no “legítimo” *Rito Escocês Antigo e Aceito*, e que, na aludida orla, a cor azul seria “uma criação do Irm. Mário Behring, introduzida, a partir de 1927, nas *Grandes Lojas* brasileiras”.

Não! Mil vezes não!

Quero aduzir que, há alguns poucos anos, uma das próprias Autoridades do *Grande Oriente do Brasil*, aceitando, infelizmente, as apontadas alegações, afirmou que a tradicional potência maçônica usa a cor azul só “por mera teimosia”. Ao tomar conhecimento de tal absurdo, eu, que me havia já pronunciado acerca do tema, em dois livros, em duas revistas e em três palestras, voltei a focalizá-lo, alhures, porque, se eu permanecesse omissos, poderia identificar, em mim mesmo, o espectro

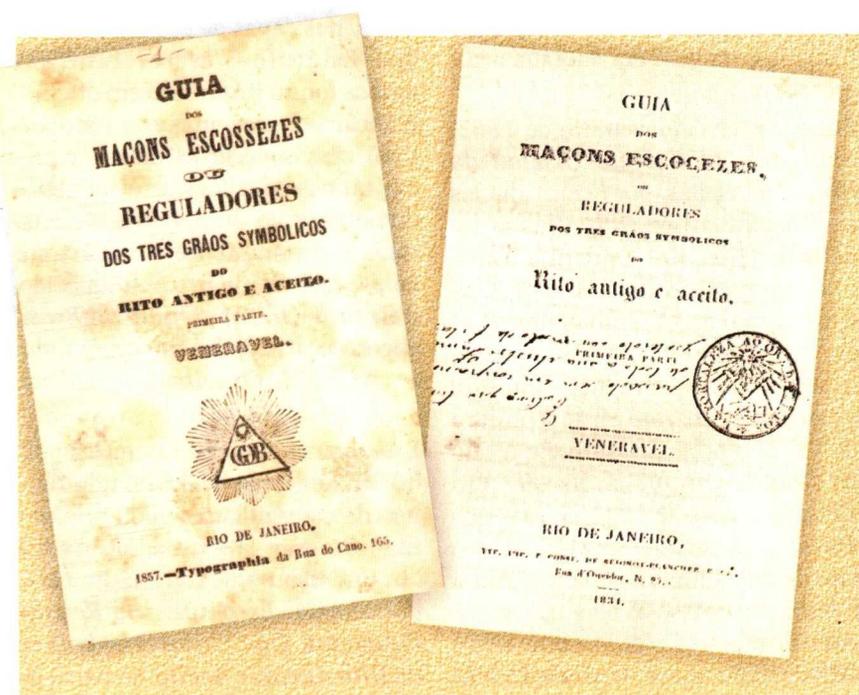
de um mandrião assentado em cadeira de cômodo espaldar, contrariando meu congênito apego à verdade e meu crescente desconforto diante de informações históricas vagas e imprecisas.

Graças a esta nova oportunidade, agora proporcionada pela “Ástrea”, reitero e amplio minhas manifestações anteriores, amparando-me, outra vez, em irrefutáveis provas documentais, porque elas dissipam negrumbosas dúvidas e desintegram cristalizados equívocos, assemelhando-se às ciências exatas, pois estas são inabordáveis por sofistas e refratárias a quaisquer dissertações interpretativas. É embasado nessas provas, com o único escopo de acrisolar desacertos, que, respeitosa-

mente, passo a expor:
Em 1834, a *Typ. Imp. e Const. de Seignot Plancher & Cia.*, da Rua do Ouvidor, nº 95, no Rio de Janeiro imprimiu as três primeiras edições brasileiras dos Rituais do *Rito Escocês Antigo e Aceito* (*Guia dos Maçons Escossez ou Reguladores dos Tres Graos Symbolicos do Rito Antigo e Aceito*).

A primeira edição originou-se de uma iniciativa da própria tipografia. Não existe a mínima alusão à cor atinente à citada orla.

A segunda edição originou-se de encomenda feita pelo então denominado *Supr. Cons. para o Império do Brasil do Rit. Esc. Ant. e Acc.*, atualmente *Supremo Conselho do Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil*. Esse Ritual repete o anterior, ao não fazer a mínima alusão à cor atinente à citada orla. Naquele mesmo ano de 1834, exatamente em 10 de julho, o citado *Supr. Cons.*, quando o Soberano Grande Comendador era o Irm. **Francisco Ge Acayaba de Montezuma**, futuro Visconde de Jequitinhonha (título nobiliár-



Folhas de rosto dos rituais para o Rito Escocês Antigo e Aceito, impressos em 1834 e 1857.



1834

Primeira edição
*Guia ou
 Regulador dos Grãos*
 Iniciativa particular
 • sem alusão a cor



Segunda edição
*Guia ou
 Regulador dos Grãos*
 Supr.: Cons.: para
 o Império do Brasil
 • sem alusão a cor



Decreto
 Sob.: Gr.:
 Comendador
 Montezuma
 • orla encarnada

Terceira edição
*Guia ou
 Regulador dos Grãos*
**Grande Oriente
 do Passeio**
 - orla escarlate

**1857**

*Guia ou
 Regulador dos Grãos*
**Grande Oriente
 do Brasil**
 - sem alusão a cor

**1862**

Constituição
 do Grande
 Oriente do
 Brasil
 • orla escarlate.

1873

*Guia ou
 Regulador dos Grãos*
**Grande Oriente
 dos Beneditinos**
 • orla escarlate



quico que ele viria a receber em 2 de dezembro de 1854), lavrou um Decreto que estabelecia, na referida orla e na algibeira do avental, a cor encarnada. O texto foi confirmado em 11 de maio de 1835.

A terceira edição originou-se de uma encomenda feita pelo **Grande Oriente Brasileiro**, mais conhecido por **Grande Oriente do Passeio**, porque, em seu período áureo, estava sediado na Rua do Passeio, nº 36, Rio de Janeiro. Preenchendo as omissões de ambas as anteriores, a terceira ora citada edição deu à referida orla a cor escarlate.

Em 1845, o **Grande Oriente do Passeio** providenciou nova edição daquele Ritual, que encomendara onze anos antes, com o mesmo nome (*Guia dos Maçons Escoceses ou Reguladores dos Tres Grãos Symbolicos do Rito Antigo e Aceito*). Desta vez, o trabalho gráfico foi executado pela *Typographia Bintot*, da Rua do Sabão, nº 70, no Rio de Janeiro. Desde já, porque aqui terminam as referências àquela potência maçônica, fica esclarecido que ela encerrou atividades em 1860, ressurgiu em 1870, voltou a encerrar atividades em 1874, voltou a ressurgir em 1881 e, talvez, tenha encerrado atividades mais ou menos em 1888 (não consegui encontrar a data exata, apesar de minha teimosia de vários anos na pesquisa efetuada).

Em 1857, a *Typographia Menezes*, da Rua do Cano, nº 165, no Rio de Janeiro, imprimiu os primeiros Rituais do **Grande Oriente do Brasil**, do *Rito Escocês Antigo e Aceito*, usando a mesma denominação usada pelas oficinas gráficas de *Seignot & Plancher* e de *Bintot*, ou seja, **Guia dos Maçons Escoceses ou Reguladores dos Tres Grãos Symbolicos do Rito Antigo e Aceito**. Não havia previsão da cor referente à citada orla.

Mais tarde, em sua Constituição (isto é, em seu Estatuto de Direito Privado), de 7 de agosto de 1862, o **Grande Oriente do Brasil** fez com que lá constasse uma relação de insígnias, na qual era adotada a cor escarlate.

Entre 9 e 16 de dezembro de 1863, sete Lojas do **Grande Oriente do Brasil**, rebeladas, por razões alheias ao presente artigo, sob a liderança do Irm.: **Joaquim Saldanha Marinho**, fundaram outro Grande Oriente, com o argumento de que esse era o legítimo e, em decorrência, usaram, indevidamente, durante quase nove anos, até 12 de setembro de 1872, o nome, o timbre e o selo do **Grande Oriente do Brasil**. Em 12 de setembro de 1872, os próprios dissidentes resolveram aceitar o fato de que a homonímia não tinha justificativa. Isso os levou ao acréscimo do adjetivo *Unido*, com novo e diferenciado nome: **Grande Orien-**

te Unido do Brasil. Não obstante, a agremiação foi sempre mais conhecida por **Grande Oriente dos Beneditinos**, porque a sede estava localizada na Rua dos Beneditinos, nº 22, Rio de Janeiro, e por **Grande Oriente de Saldanha Marinho**, porque esse era o nome de seu Grão-Mestre, retro aludido.

O **Grande Oriente Unido do Brasil**, em seu Estatuto Maior, de 22 de setembro de 1873, adotou a cor escarlate para a orla em exame. Era uma cópia do que fizera o **Grande Oriente do Brasil**, em seu já citado Estatuto de 7 de agosto de 1862. Cada uma das duas potências maçônicas, nas capas de seus dois referidos Estatutos, escreveram que ambos foram impressos em oficinas gráficas próprias, mas elas não existiam. Essas alegações eram recíprocas táticas psicológicas atinentes à demonstração de pujança monetária e aprimoramento administrativo. Gradativamente enfraquecido, o **Grande Oriente Unido do Brasil** encerrou atividades, incorporando-se ao **Grande Oriente do Brasil**, em 18 de janeiro de 1883.

Este último, em seu Decreto nº 72, de 28 de agosto de 1889, adotou o uso da cor azul, na citada orla, e a manteve em 1895, na última vez em que usou a denominação **Guia dos Maçons Escoceses ou Reguladores dos Tres Grãos Symbolicos do Rito Antigo e Aceito**. A partir da



1889Ritual
Grande Oriente do Brasil

- orla azul

1928Ritual
Grandes Lojas

- orla qualquer cor & cordão vermelho

1955Ritual
Grande Oriente do Brasil

- orla vermelha

1956Ritual
Manual **C.M.S.B. Grandes Lojas**

- azul-celeste

1964Ritual
Grande Oriente do Brasil

- orla azul & cordão vermelho

1981Ritual
Grande Oriente do Brasil

- orla azul-celeste

RitualRito Escocês
Antigo e Aceito**Ritual**Rito Escocês
Antigo e Aceito

edição imediatamente posterior, que foi a de 1896, quando o **Grande Oriente do Brasil** passou a usar o vocábulo "Ritual", foi confirmada a cor azul, que permaneceu durante muitos anos, precisamente até 1954.

Depois, a partir de 1955, até 1963, foi usada a cor vermelha (com a variante escarlata, conforme já resaltei). Isso confundiu o estudioso mencionado no prólogo deste artigo. Posteriormente, desde 1964 até 1980, foi usada a cor azul, com um cordão vermelho (sobre o qual apresentarei esclarecimento mais adiante, neste mesmo artigo). Em seguida, a partir de 1981, por força de outra modificação, passou a ser usada a cor azul-celeste.

Portanto, considerando que, em 28 de agosto de 1889 (conforme afirmo há algumas linhas atrás), o **Grande Oriente do Brasil** usou a cor azul na citada orla, está desfeito o primeiro equívoco. De fato, aquela cor não é "uma infeliz inovação", e seu uso não é decorrência de "mero capricho".

Uma revista intitulada **Arquivo Maçônico**, de Recife, Pernambuco, exemplar nº 8, nota nº 1, página 20, ano de 1907, noticiou que o Irm. **Mário Behring** foi iniciado nos Augustos Mistérios em 20 de setembro de 1898. Essa data é incorreta, porque, ao preencher

uma ficha cadastral do referido **Supremo Conselho**, em 7 de abril de 1927, o citado prócer maçônico escreveu, de próprio punho: "Iniciado em 27.12.1897". Essa Iniciação ocorreu na Loja **União Cosmopolita**, do **Grande Oriente do Brasil**, localizada em Ponte Nova, Estado de Minas Gerais. O Irm. **Mário Marinho de Carvalho Behring**, nascido na referida cidade, em 27 de janeiro (sim, janeiro; equivocou-se quem escreveu abril) de 1876, ainda não era Maçom, e sim uma criança, quando, em 28 de agosto de 1889, o **Grande Oriente do Brasil** já adotara a cor azul na orla do citado avental (data e fato que repito, por excesso de zelo). Está desfeito o segundo equívoco.

Os primeiros Rituais das três primeiras modernas (sim, modernas, porque existiram outras, antes, sem vinculação com as de hoje), isto é, **Bahia, Rio de Janeiro** (não confundi-la com a atual) e **São Paulo**, foram impressos em 1928 (e não em 1927, isto é, no ano seguinte ao da lamentável cisão), na **Typographia Delta**, da Rua Dias da Cruz, nº 129, no Rio de Janeiro. De modo muito estranho, eles permitiam que a mencionada orla tivesse qualquer cor. Porém, exigiam que houvesse "um estreito cordão vermelho".

Há anos, prevalece, nas **Grandes Lojas Estaduais** a cor azul-celeste, diretriz que está em consonância

com o **Manual de Paramentos e Jóias**, editado pela **C.M.S.B.**, no ano de 1956.

Em nossa Pátria, esse cordão foi usado pela primeira vez por um soberano e efêmero **Grande Oriente do Estado de São Paulo**, fundado em 14 de maio de 1893, mais conhecido por **Grande Oriente de Martim Francisco** (não confundi-lo com um homônimo, fundado em 10 de outubro de 1901, nem com o atual **Grande Oriente de São Paulo**, sem a expressão **do Estado de**, fundado, com soberania, em 29 de julho de 1921, mas federado ao Grande Oriente do Brasil, desde 11 de maio de 1929), uso esse que era determinado pela tabela constante de um Regulamento daquele denominado **Grande Oriente de Martim Francisco**, impresso em 1895, na **Typographia King**, da Rua da Quitanda, nº 39, São Paulo. De fato, havia o cordão vermelho, mas a orla era azul.

Encerro este artigo com a transcrição de um entendimento que ouvi do inesquecível ritualista inglês, Irm. **Frank Gerald Hillman Toogood**, Grande Oficial da **United Grand Lodge of England**:

"Qualquer que seja o nome de um Rito, a orla do avental de Mestre será sempre azul, por ser essa a cor universal do Simbolismo." ▲



Peças que se encaixam



Vista da cidade de Santiago de Compostela, onde foi realizado o 11º Convento y XIII Fiesta del Supremo Consejo del Grado 33 y último del REAA para España

Ir.: **J. W. Kreutzer-Bach**

À tarde do dia 7 de novembro de 2014, o Soberano Grande Comendador **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, como parte das comemorações do 11º Convento y XIII Fiesta del Supremo Consejo del Grado 33 y último del REAA para España, reunindo os Soberanos Grandes Comendadores e Delegações dos Supremos Conselhos do Brasil, França, Turquia, Grécia, Suíça, Itália, Áustria, Alemanha, Israel, Portugal e Bulgária, recebeu o VIII Prêmio Internacional “**Alberto Martínez-Lacaci**”.

O número 55 da **Astréa News**, Informativo Virtual do nosso Supremo Conselho, de 15 de novembro passado, apresenta uma excelente reportagem sobre o assunto. Como sabemos, cabe à **Astréa News** a cobertura dos eventos sociais e administrativos, enquanto cabe à **Astréa**, pela determinação do Soberano Grande Comendador **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, o enfoque na parte histórica, litúrgica e doutrinária da Maçonaria, em

particular do Rito Escocês Antigo e Aceito.

A outorga do Prêmio “**Alberto Martínez-Lacaci**” é uma excelente oportunidade para examinar fatos aparentemente isolados, como pontas soltas, que poderiam passar despercebidas. Mas não!

Não são pontas soltas.

Pelo contrário, têm conexões insuspeitadas, peças aparentemente desconexas que, devidamente reunidas, formam um surpreendente mosaico. É só dar a cada uma delas sua conveniente perspectiva histórica – e, se é História, como veremos a seguir, tem tudo a ver com a **Astréa!**



Peça Nº 1

– Santiago de Compostela

Estamos falando de um ícone dentro de uma Espanha de incontáveis ícones. Que a cidade tenha sido escolhida para a reunião do *11º Convento y XIII Fiesta del Supremo Consejo del Grado 33 y último del REAA para España*, reveste-se de muito significado.

Desde o século IX, peregrinos de todo o mundo cristão percorrem o famoso Caminho de Santiago, a estrada em honra a **São Tiago Maior**, que os espanhóis denominam **Santiago Mata-Mouros**, seu padroeiro. Um dos símbolos associados ao caminho dos peregrinos é a concha de um marisco, muito encontrado na costa escarpada do norte da Espanha. Essas, chamadas vieiras, são símbolos comuns nos brasões de diversas famílias ibéricas, e acabaram associadas ao caminho dos peregrinos. São encontradas em todo o percurso e, ao mesmo tempo, ciosamente envergadas pelos fiéis andarilhos. Usualmente são decoradas com uma cruz vermelha, cruz essa que nos remete à segunda peça do nosso mosaico.

Peça Nº 2

– A Ordem de Santiago

Grande parte da Espanha esteve subjugada pelos sarracenos por mais de sete séculos. Em 711, um exército árabe sob Tárík ibn Ziyad desembarcou Gibraltar, derrotou os visigodos e conquistou quase toda a península. Foi no norte montanhoso, não subjugado, que tiveram início as lutas pela Reconquista da Península em nome da fé cristã.

Conta a lenda que o santo teria aparecido na batalha de Clavijo, em 844, em auxílio dos guerreiros cristãos. Desde então, através dos séculos, em todos os continentes onde



Santiago Mayor ou Santiago Matamoros, em pintura do século XVIII, a tradicional concha dos peregrinos, decorada com a cruz da Ordem de Santiago.

os espanhóis estenderam seu império, seu grito de guerra tem sido:

– “*Santiago e cierra España!*”

Pelágio, um nobre visigodo, derrotou os invasores na batalha de Covadonga, em 722, que é considerada a data inicial da Reconquista, uma luta prolongada, com avanços e recuos que esteve todo o tempo associada às ordens de monges guerreiros. Cavaleiros muitas Ordens lutaram pela causa espanhola, dentro do mesmo espírito dos Cruzados. Muitas delas foram espanholas, como a *Ordem de Calatrava*, criada em 1158, a *Ordem de Alcântara*, em 1177, a *Ordem da Abençoada Virgem Maria da Misericórdia*, também conhecida como *Mercedarianos*, criada em 1218. Uma delas, a *Ordem de Santiago*, foi criada em Castela, em 1170, para defender a cristandade e, especificamente, proteger os peregrinos no caminho de Santiago de Compostela.

As ordens dos monges guerreiros nos levam à próxima peça.

Peça Nº 3

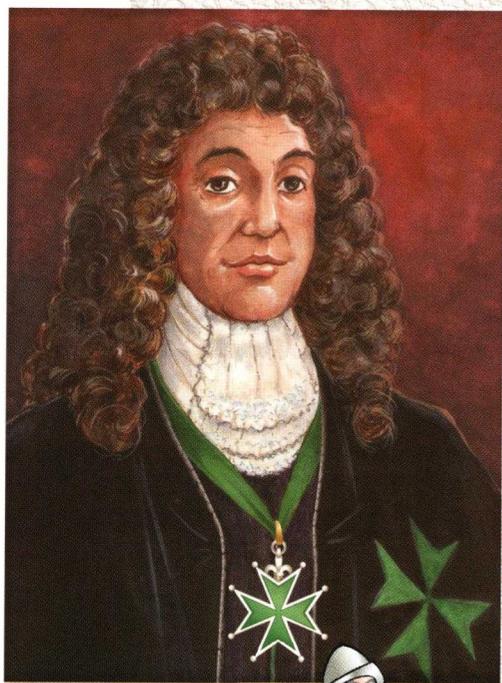
– A Ordem de São Lázaro

Esta foi a terceira das ordens militares nascidas em Jerusalém. Acredita-se que a *Ordem dos Hospitalários de S. Lázaro* tenha origem num antigo hospital para leprosos, dirigido por gregos e armênios, ainda antes da Primeira Cruzada, adquirindo status independente depois de 1120. Diz uma tradição que os primeiros mestres desta Ordem eram leprosos, doença terrível, particularmente comum na Palestina. As regras dos Templários e dos Hospitalários estabeleciam que um cavaleiro, contraindo a doença, deveria transferir-se para a *Ordem de S. Lázaro*, envergando seu manto negro sem adorno.

Um pequeno contingente lutou bravamente na desastrosa batalha de Gaza, em 1244. Após a queda de Acre, em 1291, a *Ordem de S. Lázaro* abandonou suas atividades militares, continuando sua função hospitaleira até 1342.

Depois disso, teriam uma existência apagada até o período da Renas-





(2)



(1)



(1724)



(século XIII)



Não há retratos conhecidos de Ramsay. A *New Encyclopedia of Freemasonry*, de Arthur Edward Waite, apresenta um esboço imaginário (1) e, acima, temos outro, do autor (2), com as vestes e o colar da Ordem de S. Lázaro, que existe ainda hoje. Abaixo, estão as vestes e brasões da Ordem em épocas diferentes.

cença, quando foi revivida na França. O ramo francês, denominado *Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo e de São Lázaro*, foi incentivado por **Luís XIV**, o Rei Sol, chegando a ter mais de 140 comendadorias. Nessa Ordem o célebre **Michael Andrew Ramsay** foi feito Chevalier, nossa peça número 4.

Peça Nº 4 –

O Cavaleiro Ramsay

Não há Maçom que não tenha ouvido falar do Cavaleiro **Michael Andrew Ramsay** e seu famoso discurso. Nele houve uma síntese, não importa se mítica ou não, das muitas ligações das Ordens de Cavalaria, em especial a dos *Cavaleiros Templários*, com a Maçonaria. É imenso e instigante o filão escocês, que serviu de tema a dezenas de livros atuais, desde *O Templo e a Loja*, de **Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln**, até *Nascidos do Sangue*, de **John Robinson** e, mais recentemente, *O Código Da Vinci*, de **Dan Brown**. Por mais desmentidos que sejam, as conexões continuam persistindo.

Robert Bruce, rei excomungado da Escócia, muitos afirmam, venceu os ingleses na batalha de Bannockburn, em 1314, com a ajuda dos Templários. A Escócia teria sido o conveniente esconderijo do lendário tesouro dos Templários, depois da extinção da Ordem por **Felipe IV**, o Belo, da Espanha, em conluio com o papa **Clemente V**. Intrigantes histórias cercam a capela de Rosslyn, na Escócia e sua decoração com motivos maçônicos, como o Pilar do Aprendiz e as lápides nuas com espada entalhada, típica das lápides dos cavaleiros Templários. Diversos descendentes de seu construtor, **William Sinclair**, Conde de Orkney e Barão de Roslin, foram Grão-Mestres da Escócia. A Maçonaria aflorou no reino de **Charles II**, restaurado em 1660 ao trono britânico, onde sentara seu avô, **James VI** da Escócia e **James I** do Reino Unido da Inglaterra e Escócia, o mesmo James que o registro da *Loja Scoon and Perth* diz ter sido

iniciado em 1601!

Os *Guardas Escoceses*, por séculos, protegeram a vida do Rei de França, tradicional aliada da Escócia. E não foi na França que se refugiaram os **Stuart**, por duas vezes depostos do trono britânico?

Ramsay não era um joão-ninguém. Discípulo de **Fenelon**, membro da *Royal Society*, foi preceptor de príncipes **Stuart** e convidado a ser preceptor de um príncipe **Hanover**, o que não é para qualquer um! Seu tempo na Maçonaria, depois do *Discurso*, que escreveu mas foi impedido de proferir, não se alongou por sua conversão ao catolicismo. Mas foi um divisor de águas na Maçonaria, se não o criador, mas aquele que daria a ela novos rumos: os Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Peça Nº 5

– Os Altos Graus

O tema do resgate da Cidade Santa para os cristãos acabou habilmente cooptado pela facção **Stuart** para sua restauração no trono britânico. Vêm daí a *Ordem da Estrita Observância*, com sua lealdade inquestionável aos Superiores Desconhecidos e seus títulos, temas e lendas que nos conduzem ao cadinho onde se misturam os maçons e os monges guerreiros. Lamentavelmente, para os **Stuart**, os fatos não permitiram sua volta ao trono britânico. Em 1745, seus partidários e os clans escoceses foram derrotados na batalha de Culloden, encerrando de vez o sonho da restauração jacobita. Mas sua herança permaneceu intacta nos Altos Graus do Rito Escocês, que é essencialmente monárquico na forma e na essência, uma herança viva de um passado romântico e ilustre. Daí seu apelo permanente.

Nos emblemas heráldicos, paramentos e insígnias do Rito Escocês, a presença das diversas Ordens de Cavalaria é evocada o tempo todo. Tome as cruzes, por exemplo. Temos a latina, dos *Cavaleiros Templários*, a maltesa, dos *Cavaleiros Hospitalários*, e a teutônica, dos



Se muitos dos Altos Graus nos evocam as Ordens de Cavalaria, sua estrutura é eminentemente monárquica.

Cavaleiros Teutônicos. Mais instigante, ainda, é quando sabemos que o pelicano que alimenta os filhos é o selo da família **Stuart** e que **James**, em espanhol, é **Tiago**, o que nos envia de novo à Espanha!

Peça Nº 6

– A Espanha Monárquica

A Espanha teve dois períodos republicanos. O primeiro foi breve, de apenas um ano, de 1873 a 1874. O segundo durou de 1931 a 1939, terminando com uma sangrenta guerra civil, à qual se seguiu uma longa ditadura até a restauração da monarquia pela Constituição Espanhola de 1978, largamente aclamada pela maioria do povo espanhol. A Maçonaria, até então proscrita, reviveu vigorosamente e, com ela, o R.:E.:A.:A.:, celebrado com pompa e circunstância em todos os seus Graus, o que remete de novo ao prêmio e seu agraciado.

Peça Nº 7

– O agraciado

O longo de sua carreira, o S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, tem acumulado títulos incontáveis tanto maçônicos como profanos, entre eles, o de Cidadão Honorário de cidades, municípios e estados brasileiros. Um deles, que particularmente muito o gratificou,

o de *Cidadão Benemérito do Município do Rio de Janeiro*, concedido em 2008, tem muito a ver com sua condição de homem culto, descendente de ilustres famílias, para quem a tradição é um pilar inamovível da sociedade civilizada.

Em 1974, o então Estado da Guanabara fora reduzido à condição de município do Estado do Rio de Janeiro. Naquele momento, a cidade corria sério risco de ver obliterada sua memória de ex capital do Brasil Colônia, Império e República.

Relembrando as palavras do seu discurso ao agradecer o título, *“quando da fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em 1974, fui assessor do Relator da Constituinte. Sucede que os Deputados Constituintes, na voz de seu líder, propuseram a modificação do nome da cidade para, simplesmente Rio, eliminando o histórico Janeiro. Com enorme esforço e cuidado, consegui convencer o deputado Cláudio Azevedo a não fazê-lo, argumentando com a tradição histórica de nossa cidade e que a denominação Rio de Janeiro a ela foi dada, primordialmente, somente se estendendo ao atual território posteriormente. Inteligência lúcida, o Deputado Cláudio Moacir de Azevedo concordou, desistindo da iniciativa.”*

Então corremos o risco de sepultar séculos de História, como se o passado não tivesse valor. Quer dizer, se não houvesse um homem culto, com um passado de tradição famili-

ar, com conhecimento histórico e com poder de persuasão, teríamos varrido estúpida e ingloriamente do mapa o nome Rio de Janeiro!

Hoje, o Prêmio *“Alberto Martínez-Lacaci”* chegou às mãos daquele que dirige os Altos Graus de um Rito monárquico, tradicional, de ancestralidade e conexões históricas múltiplas, concedido por um de seus pares, justamente aquele em cuja pátria o sistema monárquico reviveu. Assim, finalmente, o ciclo se fecha e as peças se encaixam quando vamos de volta ao prêmio.

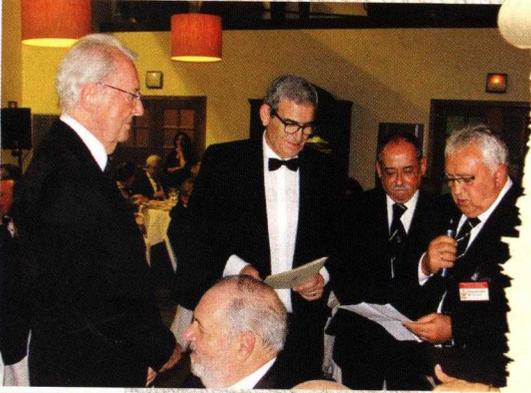
O SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres ao receber, em 2008, o título de Cidadão Benemérito do Município do Rio de Janeiro



Ppeça Nº 8 – O Prêmio
"Alberto Martínez-Lacaci"

Como noticiou a *Astréa News*, concedido desde 2008, o Prêmio é "concedido, em conjunto com o Instituto Alberto Martínez-Lacaci, às respeitáveis instituições e nobres autoridades, que têm se destacado na propagação dos valores maçônicos no âmbito da Maçonaria nacional e internacional."

Flagrantes da reunião, o Prêmio Alberto Martinez-Lacaci, o brasão pessoal do SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres e o texto oficial do Prêmio.



Fotos Carlos Deveza, 33º

Diz seu texto oficial:

"Reunido em Cartagena el Jurado del Premio Internacional Alberto Martínez-Lacaci 2014, integrado por Dª Maria Tereza Ilzarbe Ruiz, D. Jesús Soriano Carrilo, D. Álvaro Rodrigues Garcia, D. José Miguel Hernandez Garcia, D. Miguel Ángel Paredes Martín, presidido por D. Juan Conesa González y actuando de secretario D. Fernando Pérez Torres, decide conceder, por unanimidad, el Premio Internacional Alberto Martínez-Lacaci 2015 a D. Luiz Fernando Rodrigues Torres, Soberano Gran Comendador del Supremo Conselho de Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, reconociendo em él al masón perseverante, ahito de fe, creyente incommovible, portador de la antorcha que va siempre alumbrando el camino de los que avanzan y progresan en la idea luminosa del bien y de la verdad. Leal com todos, no hay em su vida más que una aspiración continuada de fortalecimiento de la fraternidad entre los Hermanos para hacer de la Orden aquella gran familia de la que hablan sus Constituciones. D. Luiz Fernando Rodrigues Torres, puede considerarse como um ejemplo vivo de la constância y del entusiasmo en la práctica de los ideales masónicos. Modesto por temperamento, bueno y honrado, su vida es un esfuerzo por alcanzar la perfección moral."

rativa do Brasil, reconociendo em él al masón perseverante, ahito de fe, creyente incommovible, portador de la antorcha que va siempre alumbrando el camino de los que avanzan y progresan en la idea luminosa del bien y de la verdad. Leal com todos, no hay em su vida más que una aspiración continuada de fortalecimiento de la fraternidad entre los Hermanos para hacer de la Orden aquella gran familia de la que hablan sus Constituciones. D. Luiz Fernando Rodrigues Torres, puede considerarse como um ejemplo vivo de la constância y del entusiasmo en la práctica de los ideales masónicos. Modesto por temperamento, bueno y honrado, su vida es un esfuerzo por alcanzar la perfección moral."

Nada mais verdadeiro e justo. ▲



Reunido en Cartagena el Jurado del Premio Internacional Alberto Martínez-Lacaci 2014, integrado por Dª Maria Tereza Ilzarbe Ruiz, D. Jesús Soriano Carrilo, D. Álvaro Rodrigues Garcia, D. José Miguel Hernandez Garcia, D. Miguel Ángel Paredes Martín, presidido por D. Juan Conesa González y actuando de secretario D. Fernando Pérez Torres, decide conceder, por unanimidad, el Premio Internacional Alberto Martínez-Lacaci 2015 a D. Luiz Fernando Rodrigues Torres, Soberano Gran Comendador del Supremo Conselho de Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, reconociendo en él al masón perseverante, ahito

de fe, creyente incommovible, portador de la antorcha que va siempre alumbrando el camino de los que avanzan y progresan en la idea luminosa del bien y de la verdad. Leal com todos, no hay em su vida más que una aspiración continuada de fortalecimiento de la fraternidad entre los Hermanos para hacer de la Orden aquella gran familia de la que hablan sus Constituciones.

D. Luiz Fernando Rodrigues Torres, puede considerarse como um ejemplo vivo de la constância y del entusiasmo en la práctica de los ideales masónicos. Modesto por temperamento, bueno y honrado, su vida es un esfuerzo por alcanzar la perfección moral.

Cartagena, 12 de julio de 2015





James IV da Escócia
& James I do Reino Unido



James VII do Reino
Unido, destronado



Charles Edward,
o velho Pretendente



Bonnie Prince Charles,
o Jovem Pretendente.

A Origem e o desenvolvimento do Rito Escocês Antigo e Aceito

Ir.: Kenyo Ismail, 33º



Afinal, qual é a origem do *Rito Escocês Antigo e Aceito*? Ele é *Escocês*, *Francês* ou *Americano*? Muitos são os maçons que afirmam, sem pestanejar: “É francês!” Mas veremos que tudo depende do que você considera por “origem”.

Se você responder que a origem do REAA é escocesa, você não estará de todo errado. A base do Rito é historicamente tida como levada pelos **Stuarts** e sua corte, quando exilados na França. Todos eram de famílias escocesas.

James VI era rei da Escócia em 1601 quando, com 35 anos de idade, foi iniciado na maçonaria escocesa, na Loja *Perth and Scone*.⁽¹⁾⁽²⁾ É o primeiro Chefe de Estado que se tem notícia da iniciação na Maçonaria. Dois anos após sua iniciação, ele assumiu também o trono da Inglaterra e Irlanda, passando a ser para esses “**James I**” e iniciando assim a “Era Stuartista”. O Rei James I ficou co-nhecido por ter idealizado e

patrocinado a tradução da Bíblia para a língua inglesa, a qual até hoje é descrita como *versão autorizada pelo Rei James*. Acredita-se que todos os homens da família e nobres de sua corte tradicionalmente ingressavam na Maçonaria.

Resumindo um pouco a história, de forma a focarmos no que realmente interessa à Maçonaria, em 1715, os **Stuarts** foram exilados na França, mais precisamente em Bar le Duc.

Nesse mesmo ano, **James Radclyffe**, Conde e melhor amigo do pretendente ao trono, **James III**, “*The Old Pretender*”, acompanhado de seu irmão **Charles Radclyffe**, ambos fiéis declarados à causa **Stuart**, retornaram à Escócia para participarem de uma rebelião. A rebelião fracassou e ambos foram presos, sendo que o Conde James Radclyffe foi executado e Charles Radclyffe conseguiu fugir e retornar à França.



Tabela Comparativa Rito de Heredom X Rito Escocês Antigo e Aceito

Rito de Heredom

1	Aprendiz
2	Companheiro
3	Mestre
4	Mestre Secreto
5	Mestre Perfeito
6	Secretário Íntimo
7	Intendente dos Edifícios
8	Preboste e Juiz
9	Eleito dos Nove
10	Eleito dos Quinze
11	Ilustre Eleito Chefe das Doze Tribos
12	Grande Mestre Arquiteto
13	Real Arco de Salomão
14	Grande Eleito, Antigo e Perfeito Mestre
15	Cavaleiro da Espada
16	Príncipe de Jerusalém
17	Cavaleiro do Oriente e do Ocidente
18	Cavaleiro Rosa-Cruz
19	Grande Pontífice
20	Noaquita ou Cavaleiro Prussiano
21	Grande Patriarca
22	Príncipe do Líbano

23 Cavaleiro do Sol ou Sob. Príncipe Adepto

24 Ilustre Cavaleiro Comandante da Águia
Branca e Negra

25 Ilustre e Soberano Príncipe da Maçonaria,
Gr.: Cavaleiro Comandante do Real Segredo

Rito Escocês Antigo e Aceito

1	Aprendiz
2	Companheiro
3	Mestre
4	Mestre Secreto
5	Mestre Perfeito
6	Secretário Íntimo
7	Preboste e Juiz*
8	Intendente dos Edifícios*
9	Eleito dos Nove
10	Ilustre Eleito dos Quinze
11	Sublime Cavaleiro Eleito
12	Grande Mestre Arquiteto
13	Cavaleiro do Real Arco
14	Grande Eleito, Perfeito e Sublime Maçom
15	Cavaleiro do Oriente ou da Espada
16	Príncipe de Jerusalém
17	Cavaleiro do Oriente e do Ocidente
18	Cavaleiro Rosa-Cruz
19	Grande Pontífice ou Sublime Escocês
20	Sob. Príncipe da Maçonaria ou Mestre Ad-Vitam*
21	Noaquita ou Cavaleiro Prussiano*
22	Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano
23	Chefe do Tabernáculo
24	Príncipe do Tabernáculo
25	Cavaleiro da Serpente de Bronze
26	Príncipe da Mercê ou Escocês Trinitário
27	Grande Comandante do Templo
28	Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto
29	Grande Cavaleiro Escocês de Santo André
30	Cavaleiro Kadosh ou Cavaleiro da Águia Branca e Negra
31	Grande Inspetor Inquisidor
32	Sublime Príncipe do Real Segredo x
33	Grande Inspetor Geral da Ordem



Dez anos depois, Charles Radclyffe, então secretário do Príncipe **Charles Edward Stuart**, conhecido como *The Young Pretender*, na França, atendendo o desejo do príncipe e de sua corte, funda a primeira Loja Maçônica "Escocesa" em território francês.⁽³⁾ Através de sua liderança, as Lojas jacobitas, logo chamadas na França de *Lojas Escocesas* rapidamente se proliferaram em território francês. E, na mesma intensidade da proliferação de Lojas, ocorreu a proliferação de graus e de ritos.

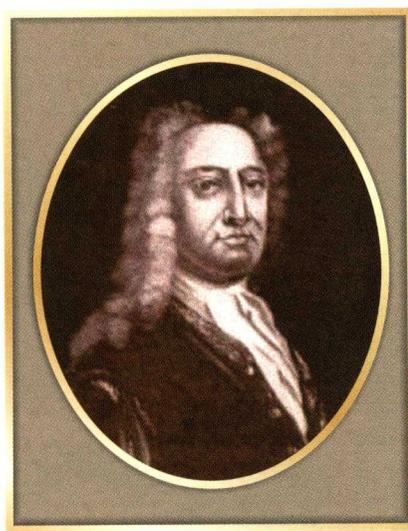
Em 1745, apoiando uma frustrada tentativa dos **Stuarts** de retomada do trono da Inglaterra, o Conde Charles Racllyffe é capturado e executado em Londres. Porém, sua iniciativa maçônica foi o embrião do que viria a se tornar, dentre vários ritos maçônicos, o **Rito de Heredom**.

Já a partir do **Rito de Heredom**, se você responder que a origem do **REAA** é francesa, isso não será de todo um equívoco. Os 25 graus do **Rito de Heredom** e sua difusão nos Estados Unidos é que deram origem ao **REAA**. Entretanto, temos aí uma diferença de 8 graus entre o **Rito de Heredom** (25 graus) e o **Rito Escocês Antigo e Aceito** (33 graus).

Que Maçom nunca se perguntou quais seriam esses 8 graus, não é mesmo?

Para desvendar esse mistério, apresento a tabela na página anterior, comparativa entre os 25 Graus que formavam o **Rito de Heredom** e os 33 Graus que formam o **Rito Escocês Antigo e Aceito**.

Interessante observar que, originalmente, o grau de **Intendente dos Edifícios** precedia o grau de **Preboste e Juiz**, ao contrário do que se tem hoje. O mesmo ocorreu entre o grau **Cavaleiro Prussiano**, que precedia o **Grande Patriarca** (atual



Charles Radclyffe não era só o secretário do Príncipe Charles Edward, o Jovem Pretendente ao trono inglês. Ele era o Venerável Mestre da Loja Le Louis d'Argent, onde o Chevalier Andrew Michael Ramsay iria pronunciar o famoso Discurso, pedra fundamental dos Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Foi então que, em 1756, surgiu o **Conselho dos Cavaleiros do Oriente**, dirigido por Maçons da classe média (burgueses), com o intuito de organizar os Altos Graus do rito.

Já os Maçons de classe mais alta e da nobreza, não desejando ficar para trás dos burgueses, criaram o **Supremo Conselho de Imperadores do Oriente e do Ocidente**.⁽⁵⁾ Ora, um **Supremo Conselho** soa maior do que um simples **Conselho**, e **Imperadores** são logicamente superiores do que simples **Cavaleiros**. Além disso, **Oriente e Ocidente** é o dobro do que apenas **Oriente**!

Dessa forma, esse **Supremo Conselho de Imperadores do Oriente e do Ocidente** conseguiu prevalecer sobre o semanticamente diminuído **Conselho dos Cavaleiros do Oriente**, se tornando a legítima "incubadora" do **Rito de Heredom**.

Mestre *Ad-Vitam*), e que também foram invertidos quando da organização do **REAA**. Os graus que surgiram nos Estados Unidos e foram acrescentados entre os graus do **Rito de Heredom**, formando o sistema do **Rito Escocês Antigo e Aceito** como o conhecemos, são os graus hoje numerados entre o 23º e o 27º, e os graus 29, 31 e 33.

Mas do **Rito de Heredom**, o **REAA** não herdou apenas os graus. Para isso, precisamos retornar à França do Século XVIII:

Nos anos 1750, o **Rito de Heredom**, então popularmente chamado entre os Maçons franceses de **Maçonaria Escocesa**, estava se desenvolvendo rapidamente, dominando a política interna da Maçonaria naquele país.

<http://methvenlodge51.org/methven/international-visiting/>



13

Como usual quando se respeita o passado, a Loja Scoon and Perth, do condado de Perth, na Escócia, onde James VI foi iniciado em 1601, tem um museu. O manequim está vestido como um antigo Guarda Externo.



“...um rito de raízes escocesas, desenvolvido na França e concluído nos EUA. Uma polinacionalidade condizente com a complexidade e profundidade de seus graus, e com sua prática em dezenas de países espalhados pelo mundo.”

Como emblema, esse **Supremo Conselho de Imperadores do Oriente e do Ocidente** buscou inspiração no Império Romano que, em seu auge, governou o Oriente e o Ocidente e adotou um sistema de dois governantes simultâneos. Nessa fase do Império Romano, adotou-se a águia bicéfala para simbolizá-lo.⁽⁶⁾ O **Supremo Conselho** encontrou na águia bicéfala o símbolo ideal para *Oriente e Ocidente* e acrescentou uma coroa sobre ambas as cabeças da águia para simbolizar a realeza, afinal de contas, tratava-se de um Conselho de *Imperadores*.

Quando do surgimento do **Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito**, em Charleston, nos Estados Unidos, com seu sistema de 33 Graus, aproveitou-se o emblema do **Rito de Heredom**, da águia bicéfala coroada sobre uma espada, acrescentando acima dessa um triângulo inscrito com o número 33.

E já que mencionamos os Estados Unidos, se você responder que a origem do **REAA** é americana, não haverá como desmenti-lo. Foi nos Estados Unidos, que, por iniciativa dos chamados 11 cavalheiros de Charleston, na Carolina do Sul, definiu-se o sistema composto por 33 graus e o batizou com o nome de **Rito Escocês Antigo e Aceito**. Nessa ocasião, lá nos Estados Unidos, nasceu o primeiro **Supremo Conselho do REAA** no mundo, em maio de 1801.⁽⁷⁾

Assim sendo, se você considerar a origem com base no nome e formato, o Rito é americano. Se considerar a origem com base no local onde sua prática se desenvolveu, o Rito é francês. Mas se considerar a origem com base em suas raízes e tradições, o rito é escocês.

Não há como dizer que uma origem é mais legítima que a outra. Não podemos ignorar o fato de que, no mundo inteiro, os negros são cha-

mados de afrodescendentes, os descendentes de japoneses de nipônicos, os judeus de sionistas. Os bisnetos de irlandeses nascidos nos EUA, por exemplo, ainda se consideram irlandeses. Em todos esses casos, a origem não está no local onde nasceram, mas no local onde, de alguma forma, estão suas raízes. Foi seguindo essa linha de raciocínio que os americanos denominaram o Rito de **Escocês**. Já seguindo o ponto de vista formal, legalista, o rito é indiscutivelmente americano, pois foi nos EUA que ele foi organizado, definido, nomeado, e onde a primeira instituição para administrar o Rito foi criada.

Porém, ao observar suas práticas, não há como descartar a essência da Maçonaria Francesa incrustada em seus rituais.

Enfim, temos então um rito de raízes escocesas, desenvolvido na França e concluído nos EUA. Uma polinacionalidade condizente com a complexidade e profundidade de seus graus, e com sua prática em dezenas de países espalhados pelo mundo. ▲

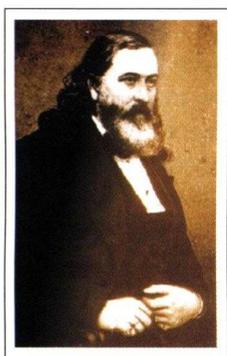
Notas

- (1) **SCHUCHARD, Marsha Keith.** *Restoring the Temple of Vision: Cabalistic Freemasonry and Stuart Culture.* Leiden: E. J. Brill, 2002.
- (2) **LOMAS, Robert.** *The Early History of Freemasonry*, in: **OLSEN, Oddvar.** *The Templar Papers.* Franklin Lakes, NJ: The Career Press, 2006.
- (3) **ORVAL, José.** *Une histoire humaine de la Franc-Maçonnerie spéculative.* Liege: Céfal, 2006.
- (4) **MACKEY, A. G.** *An Encyclopedia of Freemasonry and its Kindred Sciences.* New York e Londres: The Masonic History Company, 1914.
- (5) **MORRIS, Brent.** *The Complete Idiot's Guide to Freemasonry.* New York: Alpha Books/Penguin, 2006.
- (6) **MACKEY, A. G.** *An Encyclopedia of Freemasonry and tis Kindred Sciences.* New York e Londres: The Masonic History Company, 1914.
- (7) **COIL, Henry Wilson; BROWN, William Moseley.** *Coil's Masonic Encyclopedia.* New York: Ed. Macoy, 1961.



O Pensamento Vivo de Albert Pike

Moral and Dogma



Nota ao Leitor

Albert Pike mergulhou nos textos antigos. Em tempos de comunicação mais difíceis, é de causar espanto que ele tenha conseguido referências e acumulado tanto conhecimento acerca dos mitos e dos escritores das épocas mais remotas, dos quais hoje poucos ouviram falar.

Pike fala muito, tanto no texto quanto nas entrelinhas. Muitos gostariam que *Moral e Dogma* fosse como um manual de instruções, Grau a Grau. Mas não. **Pike** busca correlações, conexões com o pensamento humano, sua evolução e seu reflexo na Maçonaria, para provar que nela está condensado um espírito que vem desde a aurora dos tempos. Cabe ao leitor usá-lo para sondar além, muito além do que está nos rituais. Este é o desafio que ele nos lança.

J. W. Kreutzer Bach

Chefe do Tabernáculo

1ª Parte

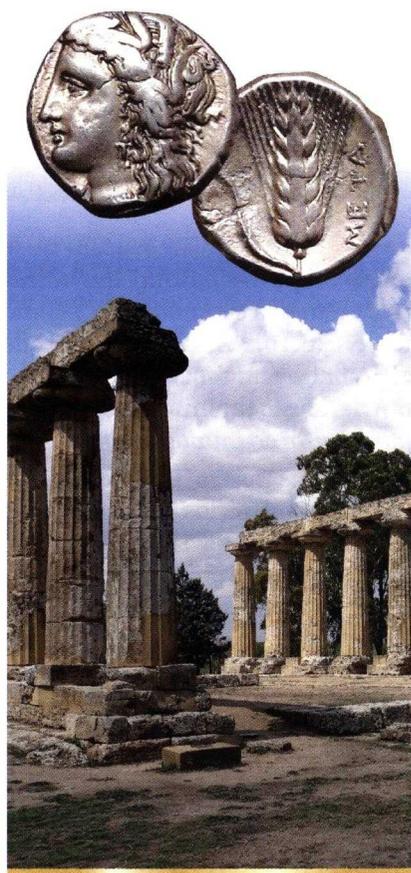
Grau 23

Tradução livre de
J. W. Kreutzer Bach

Entre as nações antigas, havia, além de suas formas públicas de adoração, uma outra provada, denominada *Mistérios*, aos quais seriam apenas admitidos aqueles que tivessem sido preparados por certas cerimônias chamadas iniciações.

Entre as mais disseminadas das antigas devoções, estavam aquelas de **Ísis**, **Orfeu**, **Dionísio**, **Ceres** e **Mitras**. Muitas nações bárbaras tiveram conhecimento dos Mistérios em honra a essas divindades dados pelos egípcios antes que chegassem à Grécia. Mesmo nas Ilhas Britânicas, os druidas celebraram os mistérios de **Dionísio**, que haviam aprendido dos egípcios.(1)

Os *Mistérios de Elêusis*, celebrados em Atenas em honra a **Ceres**, acabaram por sobrepor-se a todos os demais. As nações vizinhas o adotaram e, em pouco tempo, os Iniciados estavam por toda Grécia e Ásia Menor.(2) Eles se infiltraram no Império Romano e mesmo além de seus limites – “aqueles sagrados e augustos Mistérios de Elêusis, aos



As moedas em homenagem à deusa Ceres foram cunhadas provavelmente entre 330-290 a.C., na cidade de Metapontion, no sul da Itália, que fazia parte da Magna Grécia.



15

Placa votiva do século VI a.C., feita por um pintor chamado Ninion, foi encontrada nas ruínas do santuário de Elêusis. Deméter, sentada, e sua filha Perséfone, de pé em frente a ela, assistem a procissão dos iniciados aos Mistérios.



quais os povos mesmo das terras mais remotas são iniciados”, como disse **Cícero**. **Zózimo** afirma que eles abraçavam toda a raça humana e **Aristides** denominou-os “o templo comum do mundo inteiro”. (3)

Havia, nas festas eleusinas, dois tipos de mistérios, o maior e o menor. O menor era uma espécie de preparação para o maior, ao qual todos podiam ser admitidos. De modo geral, o noviciado durava três e, algumas vezes, quatro anos.

Clemente de Alexandria(4) disse que o que era ensinado no Mistério maior era concernente ao universo e era a complementação e o aperfeiçoamento de toda a instrução, onde as coisas eram vistas tal como eram e a Natureza e onde suas obras eram descortinadas.

Os antigos diziam que os Iniciados seriam mais felizes após a morte do

que os outros mortais. Enquanto as almas dos profanos, ao deixar seus corpos, seriam atiradas ao pântano e ficariam presas na escuridão, a dos Iniciados voariam às Ilhas Afortunadas, a morada dos deuses.

Platão afirmou que o objetivo dos Mistérios era restabelecer a primitiva pureza da alma ao estado de perfeição que se perdera. **Epitecto**(5) disse que “o que quer que lá esteja foi instituído por nossos Mestres para a instrução do homem e a correção da moralidade”.

Para **Proclus** (6), a iniciação elevava a alma da vida sensual e meramente humana à comunhão e intercurso com os deuses. Uma variedade de coisas, formas e espécies eram mostradas aos Iniciados, representando a primeira geração dos deuses.

Moral ilibada e elevação da alma eram requeridas dos Iniciados. Dos

candidatos exigia-se reputação sem manchas e virtudes inatacáveis. **Nero**(7), depois de assassinar a mãe, não se atreveu a apresentar-se nas celebrações dos Mistérios. Ao contrário, **Antônio** apresentou-se para ser iniciado, como um testemunho infalível de provar sua inocência na morte de **Avídio Cássio** (8).

O Iniciados eram considerados como os únicos homens afortunados. “Somente obre nós”, disse **Aristófanes**(9), “brilha a benéfica estrela do dia. Só nós recebemos prazer da influência de seus raios; nós, que fomos iniciados e que praticamos, para com os compatriotas e estrangeiros, atos de justiça e misericórdia”. Não é surpresa que, com o tempo, a iniciação viesse a ser considerada tão necessária como o batismo o seria para os cristãos. Não ser admitido aos Mistérios era considerado uma desonra.

“Parece-me”, disse **Cícero**, o grande orador, filósofo e moralista, “que Atenas, entre suas muitas excelentes invenções, não produziu nada comparado aos Mistérios, com os quais uma vida desregrada e selvagem é substituída por comportamento urbano e civilizado. Por uma boa razão eles usam o termo iniciação, porque é por intermédio deles que nós, na realidade, aprendemos os princípios básicos da vida. Eles não somente nos ensinam a viver de modo mais confortante e agradável, como também suavizam as agruras da morte pela esperança de uma vida melhor no além.”

Onde os Mistérios se originaram, não sabemos. Supõe-se que vieram da Índia, através dos caldeus, para o Egito, de onde foram levados à Grécia. Onde quer que chegassem, eram praticados por todas as antigas nações. Como era de se esperar, trácios, cretenses e atenienses cla



mam pela honra de sua invenção, cada um deles insistindo que nada tomaram emprestado de outros povos.

No Egito e no Oriente, toda religião, mesmo em suas formas mais poéticas, era mais ou menos um mistério. A principal razão do porquê, na Grécia, nome e ofício distintos foram designados aos *Mistérios*, reside em que a teologia popular superficial deixou algo a desejar, coisa que só uma religião em sentido mais amplo poderia fornecer. Era o reconhecimento da incapacidade da religião popular em satisfazer pensamentos e aspirações mais profundas. O simbolismo, mais vago, poderia alcançar o que uma crença mais palpável e convencional não conseguiria. Por sua característica de não definição, o simbolismo aceitava a forma abstrata do assunto, tratando de forma mística um assunto misterioso, ilustrando assim o que não podia explicar. Conseguia provocar um sentimento apropriado se não conseguisse chegar a uma ideia adequada e fazia a imagem um coadjuvante da concepção, nunca tornando-a óbvia ou familiar.

A instrução, que hoje é transmitida por livros e cartas, antigamente o era por símbolos. O sacerdote tinha que inventar ou perpetuar ritos e cerimônias, que não só eram mais atraente ao olho do que palavras, mas muito mais significativa e sugestiva para o subconsciente.

Com o tempo, a instituição tornou-se mais moral e política do que religiosa. Os magistrados civis moldaram as cerimônias para finalidades políticas no Egito. Os sábios que as levaram à Ásia, Grécia e norte da Europa eram todos reis ou legisladores. Enquanto o principal magistrado presidia àqueles de *Elêusis*, representado por um oficial denominado Rei, os sacerdotes exerciam partes subordinadas.

Os poderes reverenciados nos Mistérios eram, na realidade, deuses relacionados à Natureza. Nenhum poderia ser invocado como meros heróis – sua natureza era confessadamente super heroica. Os *Mistéri-*



Ao fundo, o portão de Hades, em Elêusis, a caverna por onde o deus conduziu Perséfone ao seu reino dos infernos. Em frente, há um poço chamado de lágrimas de Deméter. A busca desesperada pela filha raptada levou a deusa a impedir que a terra desse frutos até que ela lhe fosse devolvida. A estátua romana, cópia de um original do escultor grego Fídias, originalmente, representava a deusa Hera, mas foi restaurada por Gaspare Sibilla como Deméter. (Museu Pio-Clementino, Vaticano)

os, só aparentemente uma expressão mais solene da religião na antiga poesia, ensinavam a doutrina da Teocracia ou unidade Divina, que mesmo a poesia não esconde inteiramente. Não confrontavam abertamente a religião popular. Eram mais uma exibição mais solene de seus símbolos, ou, ainda, uma parte dela apresentada de forma mais solene. A essência dos *Mistérios*, como em todo politeísmo, consiste nisso, que a concepção de um Ser inatingível, único, eterno e imutável e que um deus da Natureza, cuja onipotência é incessantemente

revelada aos sentidos no ciclo incessante de movimento, vida e morte. [...] Eles ofereciam o perpétuo problema de excitar curiosidade e contribuíam para satisfazer o abrangente sentimento religioso que, caso não satisfeito pelas coisas simples e inteligíveis, encontra excitação na contemplação reverente do oculto.

A Natureza é tão livre do dogmatismo quanto da tirania. Os primitivos instrutores da humanidade não apenas adotaram suas lições como, tanto quanto possível, aderiram a seu método de compartilhá-los. Eles tentaram chegar ao entendi-

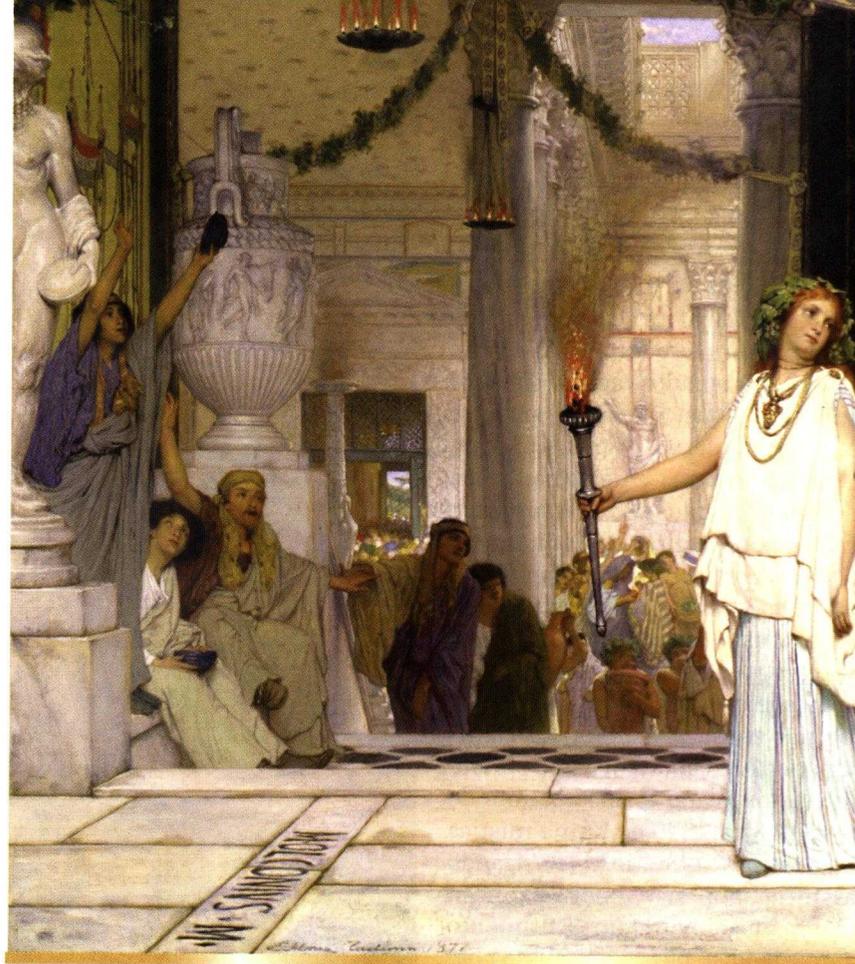


O clima festivo dos ritos de passagem ou de agradecimento por colheitas ou safras é bem retratado nesta tela de Sir Lawrence Alma-Tadema, ainda que referente a um festividade romana. O tirso, o bastão encimado por uma pinha, está caído no chão, à direita.

mento através do olho; por isto, a maior parte de todo ensinamento religioso era passada através desse antigo e impressionante modo de "exibição" ou demonstração. Os *Mistérios* eram um drama sacro, demonstrando alguns das lendas significativas das mudanças na Natureza, do Universo visível, no qual a divindade é revelada, e cujo conteúdo era, em muitos aspectos, tão aberto aos pagãos como aos cristãos. Além das tradições correntes e récitas sacras do templo, poucas explicações eram dadas aos espectadores, que eram deixados, tal como na escola da natureza, a tirar suas próprias conclusões.

O método de sugestão indireta, por alegoria ou símbolo, é um instrumento de instrução mais eficiente do que a simples linguagem didática, uma vez que habitualmente somos indiferentes ao que se adquire sem esforço: "Os iniciados são poucos, embora muitos enverguem o tirso."(10) E seria impossível prover lições adequadas a cada grau de erudição ou capacidade, a não ser que fossem baseadas nos exemplos da Natureza ou uma representação da própria Natureza, empregando sua simbologia universal em vez das técnicas da linguagem, convidando a buscas sem fim e, ainda assim, recompensando mesmo o mais humilde pesquisador, descerrando seus segredos a todos, em proporção a seu nível de treinamento e poder de compreendê-los.

Mesmo destituídos de qualquer enunciado formal ou oficial acerca dessas importantes verdades – que mesmo em uma época mais cultivada não se julga adequado expô-los exceto sob o véu da alegoria para que não percam seu valor e dignidade se aprendidos mecanicamente como dogmas – os espetáculos dos Misté-



rios certamente continham sugestões – por que não lições? – adaptadas a elevar o caráter dos espectadores, permitindo a eles perceber alguma coisa dos propósitos da existência bem como meios de melhorá-la, para viver melhor e morrer mais feliz. Diferentes de religiões e credos cultivados em livros, esses shows místicos não eram a leitura de instruções, mas a abertura de um problema, sem implicar em negação da pesquisa nem hostilidade à Filosofia. Ao contrário, a Filosofia é a grande introtutora, a grande explanadora do simbolismo, mesmo que as interpretações dos velhos mitos e símbolos pela filosofia grega estejam tão equivocadas em alguns aspectos quanto corretas em outros.

Difícilmente poder-se-ia conseguir meios de despertar um intelecto adormecido do que aquelas exibições impressionantes, que apelavam à imaginação. Em vez de condenar a uma rotina preconcebida de credo, convidavam a buscar, comparar e julgar. A alteração de símbolo

para dogma é tão fatal à beleza de expressão quanto a de fé para dogma é para a verdade e amplitude de pensamento.

A primeira filosofia frequentemente revertia para o modo natural de ensino. Diz-se que *Sócrates*, particularmente, evitava dogmas, conseguindo, ao modo dos *Mistérios*, despertar e desenvolver, na consciência de seus ouvintes, as ideias que já tivessem, em vez de infectá-los com opiniões previamente dirigidas.

Assim, a Maçonaria ainda segue o velho modo de ensinar. Seus símbolos são as lições que ministra. Suas instruções não são mais do que sugestões parciais e insuficientes para a interpretação desses símbolos. Aquele que deseja realizar-se como maçom não deve contentar-se meramente em escutar e mesmo compreender as instruções, mas sim, ajudado por elas – como foram concebidas para que assim fosse – estudar, interpretar e desenvolver os símbolos para si.





The Vintage Festival (o festival da safra), quadro de **Sir Lawrence Alma-Tadema** (1836-1912), artista britânico de ascendência holandesa

As especulações primitivas conseguiram expressar muito mais do que poderiam compreender. As vagas impressões do pensamento encontradas nas misteriosas analogias dos fenômenos são suas mais aptas e enérgicas representações. Os *Mistérios*, como os símbolos na Maçonaria, nada mais são do que analogias eloquentes da Natureza. Uns e outros não revelam nenhum segredo novo aos despreparados ou incapazes de interpretar seu significado.

(continua)

Notas

(1) O historiador grego **Diodoros Sikielotes** escreveu, no século I a.C., que os Druidas acreditavam que a alma humana era imortal e que, algum tempo após da morte, reiniciaria a vida em outro corpo. **Júlio César** (100-44 a.C.) também faz referência a isto.

(2) **Ásia Menor**, para o mundo antigo, era a península da Anatólia, hoje território turco.

(3) **Marcus Tullius Cicero** (106-43 a.C.), filósofo, humanista e orador grego; **Zosimus Historicus**, historiador bizantino; **Aristides de Atenas** (535-468 a.C.), estadista e orador grego;

(4) **Tito Flavius Clemens** (150-215), teólogo cristão, influenciado pela filosofia grega.

(5) **Epictetus** (55-135), filósofo estoíco grego.

(6) **Proclus Linceus** (412-485), filósofo neoplatônico grego, reconhecido como um dos últimos filósofos clássicos, teve grande influência entre cristãos e muçulmanos medievais.

(7) **Nero Claudius Caesar Augustus Germanicus** (37-68), imperador romano. Tal como retratado pelos cronistas **Tácito** e **Suetônio**, Nero era a encarnação de todos os vícios humanos.

(8) Aqui, **Pike** comete um engano. Não foi **Marcus Antonius** (83 a.C – 1 A.D.), o famoso amante de **Cleópatra** e herdeiro político de **Júlio César**, quem necessitou provar total inocência da morte de **Gaius Avidius Cassius** (130-175), general romano, mas **Marcus Aurelius Antoninus Augustus** (121-180), o rei filósofo. Ao saber da suposta morte de **Marco Aurélio**, **Cássio** decidiu declara-

rar-se imperador do Egito, mas foi assassinado por um centurião romano.

(9) **Aristophanes** (c.446-c.386 a.C.), dramaturgo grego, viveu em Atenas. Entre suas obras está a famosa **Lisístrata**, ou **A Revolta das Mulheres**.

(10) Na mitologia, **tirso** era um bastão decorado com hera e ramos de vinhas, encimado por uma pinha, carregado pelo deus **Baco**.





Origem do Supremo Conselho e a criação das Grandes Lojas no Brasil

Ir.: José Maurício Guimarães, 33°

Os preliminares dos *Supremos Conselhos do Rito Escocês* situam-se na longínqua criação do *Capítulo de Clermont* de Paris em 1754, de efêmera duração. Mas há evidências de que até 1730 havia, na Inglaterra, *mestres maçons escoceses* após o Terceiro Grau. Dez anos mais tarde, na Alemanha, falava-se do mais alto Grau chamado *Maçonaria Escocesa*. Porém, os graus além de Mestre se expandiram quando introduzidos na Maçonaria francesa.

Em 1761, **Stephen Morin** recebeu uma patente da *Grande Loja da França*, autorizando-o a estabelecer os Altos Graus do Rito Escocês em todas as partes do mundo, o que ele iniciou em 1763, a partir de Santo Domingo, hoje República Dominicana. Quatro anos depois, **Morin** e **Henry Andrew Francken** criaram em Albany, Nova York, uma *Loja de Perfeição* (Graus 4° ao 14°).

O Supremo Conselho de Charleston, no Estado da Carolina do Sul (EUA), *Supremo Conselho Mãe do Mundo*, declarou sua existência em

1801 com o lema de *Ordo ab Chao* (Ordem Sobre o Caos ou Ordem Vinda do Caos, conforme ensina **Berdiaev** em *Esprit et liberté*: a ordem natural não é eterna nem imutável, expressa apenas um momento simbólico na vida da mente. Como resultado, forças podem ocorrer nas profundidades do espírito, capazes de transfigurar a mente e libertá-la de poderes escravizantes).

No Brasil, o desenvolvimento do Supremo Conselho do Rito Escocês começou em 1829 quando **Francisco Gomes Brandão**, o **Visconde de Jequitinhonha**, recebeu do *Supremo Conselho para o Reino dos Países Baixos do Rito Escocês Antigo e Aceito* a autorização para instalar aqui um *Supremo Conselho*.

Francisco Gomes Brandão, advogado, jurista e político brasileiro nasceu em Salvador no ano de 1794, adotou **Gê Acayaba Montezuma** em homenagem aos elementos formadores da nação brasileira: **Gê**, tronco linguístico, da etnia dos antigos Timbiras, Bororos, Carajás,

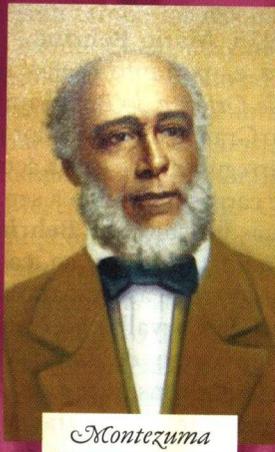
Gavião, Kayapó, Kraô e Xavantes. **Acayaba** é palavra de origem africana, o mesmo que acaiaça, árvore da família das *Terebintáceas* ou cedro brasileiro; por fim, **Montezuma**, homenagem ao imperador asteca.

Em 1832, **Francisco Gê Acayaba Montezuma** usou a autorização recebida nos Países Baixos para instalar o *Supremo Conselho Dos Mui Poderosos Soberanos Grandes Inspetores Gerais Do Grau 33 Para o Império do Brasil* (nome original), o fato maçônico mais importante desse período e que teve, posteriormente, influência decisiva no movimento de 1927 com a fundação das *Grandes Lojas*.

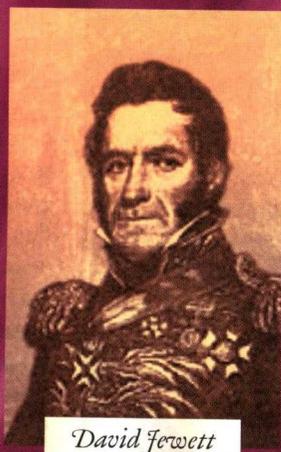
Mas antes dessa instalação, **David Jewett**, oficial da marinha norte-americana, nacionalizado argentino, desconhecendo a Carta Patente de **Francisco Gê**, criou um "supremo conselho" (na verdade um Consistório) em terras brasileiras. Foi necessário superar o impasse, pois as *Grandes Constituições* de 1786 não permitiam a existência de dois *Supremos Conselhos* na jurisdição de um mesmo país (à exceção dos Estados Unidos).

Acima, a carta da Loja de Perfeição de Albany, assinada por Andrew Francken, que recebera de Etienne Morin autorização para abri-la.

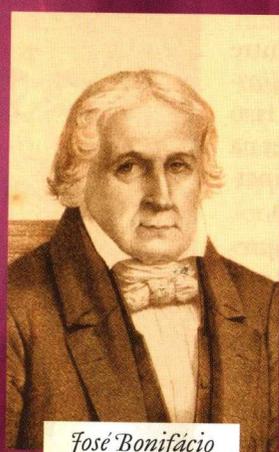




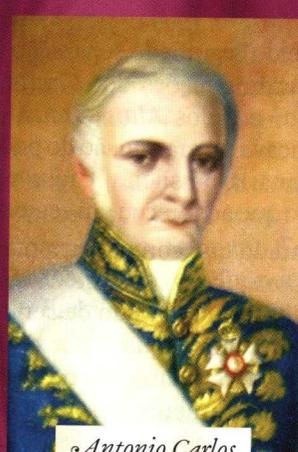
Montezuma



David Jewett



José Bonifácio



Antonio Carlos

Quatro dos protagonistas do Supremo Conselho. Fato que pouco se conhece é que Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifácio, fora Grão-Mestre eleito de um primeiro e efêmero Grande Oriente do Brasil, criado na Bahia em 1813.

Francisco Gê não contestou David Jewett, mas convidou-o para ser Lugar-Tenente Comendador na unificação dos dois movimentos.

Enquanto isso, com a abdicação de D. Pedro I em abril de 1831, José Bonifácio de Andrada e Silva encontrou o caminho livre para tratar o Império à sua maneira.

Na qualidade de tutor do futuro D. Pedro II, incutiu nele suas próprias convicções. Não tendo mais o Gonçalves Ledo para lhe fazer oposição, Bonifácio assumiu a liderança da Maçonaria, providenciando uma reinstalação do Grande Oriente em 23 de novembro de 1831, quando os trabalhos maçônicos retomaram força como *Grande Oriente do Brasil*.

A Constituição do Brasil determinava que, antes da maioridade do infante Pedro Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Leocádio, o país fosse governado por uma Regência Trina provisória. Foram escolhidos Francisco de Lima e Silva, José Joaquim de Campos e Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Mesmo assim, Bonifácio manteve sua influência no governo ditando as regras. Mesmo pertencendo ao Rito Moderno, ele recebeu o Grau 33 no Supremo Conselho de Francisco Gê, fato que provocou a renúncia de David Jewett do cargo de Lugar-Tenente Comendador. Francisco Gê foi derrubado e substituído por

Antônio Carlos de Andrada, irmão do Bonifácio, que em seguida, passou (ou "devolveu") o cargo para o Patriarca Bonifácio que acumulou a chefia das duas Potências – o Supremo Conselho e o Grande Oriente (do qual ainda era o Grão-Mestre). Estando a patente do Supremo Conselho em posse de Francisco Gê, Bonifácio pediu autenticação ao Supremo Conselho do Grande Oriente da França, sendo reconhecido em 22 de julho de 1846 pelo Grand Collège des Rites en France para o Rito Escocês Antigo e Aceito.

A partir dessa época, prevaleceu a união entre o Supremo Conselho e Grande Oriente do Brasil. O Grão-Mestre eleito tomava-se, como consequência, o Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Rito Escocês, mesmo que tal Grão-Mestre não fosse Maçom do Rito. Portanto, de 1864 até 1926, o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito funcionou confederado ao Grande Oriente do Brasil. Nesse sistema, quase todas as lojas do GOB eram Lojas Capitulares trabalhando, além dos rituais dos Graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, nos Graus 15 ao 18.

Mário Behring

Plagiando Voltaire, tudo ia muito bem no país que era o melhor do mundo, neste que é o melhor dos

mundos possíveis, quando surgiu um dos personagens mais discutidos na Maçonaria brasileira: Mário Marinho de Carvalho Behring, mineiro de Ponte Nova, nascido no dia 27 de junho de 1876. Diplomado em Engenharia aos 20 anos, Behring foi iniciado na Loja União Cosmopolita, da sua cidade natal, no dia 20 de setembro de 1898.

Em 1902, Behring mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado secretário da Biblioteca Nacional. Filiou-se à Loja Maçônica Ganganelli, do Rito Moderno, da qual foi Venerável Mestre em dois mandatos: 1903 e 1910.

Em 1906, foi eleito Grande Secretário Adjunto do Grande Oriente do Brasil e em janeiro de 1907, Membro Efetivo do Supremo Conselho do Grau 33, onde iniciou o trabalho pela modernização da Maçonaria brasileira. Ocupou sucessivamente os cargos de Grande Chanceler do Grande Oriente do Brasil, Grande Orador do Conselho Geral da Ordem e Ministro de Estado do Supremo Conselho do Brasil. Exerceu a interinidade do Grão-Mestrado de 10 de agosto de 1920 até 19 de novembro do mesmo ano e de 25 de dezembro até abril de 1921.

Em 1924, assumiu a direção da Biblioteca Nacional, nomeado pelo Presidente Artur Bernardes, cargo em que se manteve até 1932.

Durante as interinidades, Mário Behring participou de congressos internacionais e, seguindo a orientação dos outros Supremos Conselhos do mundo, trouxe para o Brasil



a tese do regime de separação entre as administrações dos *Graus Simbólicos* e a dos *Altos Graus*. Isso implicava numa divisão do poder na Maçonaria brasileira, causa principal do que aconteceu em seguida.

O tratado que confederava o *Supremo Conselho* ao *Grande Oriente do Brasil* ficou ameaçado de ser desfeito; uma crise que se avolumava desde 1921 culminou na cisão de 1927, movimento não isolado do contexto, que vinha se desenvolvendo na Maçonaria brasileira desde os conflitos entre as alas de **Bonifácio e Ledo**.

Nas eleições de março de 1922, **Nilo Peçanha**, candidato à presidência da República, era também candidato a Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil* (os "poderosos" – daí a expressão – Grão-Mestres que eram, ao mesmo tempo, Presidentes da República e Grandes Comendadores do Rito). Embora apoiado pelos políticos situacionistas, **Nilo** foi derrotado por **Artur Bernardes** (que não era Maçom) e mandado para a prisão.

Nesse mesmo período, o *Supremo Conselho do Brasil* compareceu em Lausanne, Suíça, para a *III Conferência Internacional dos Supremos Conselhos* (29 de junho de 1922). Estando **Mário Behring** convicto de suas posições e do que deveria ser feito, fortaleceu-se pelas decisões ali traçadas para que todos os Corpos Diretores do Rito fossem regularizados, ou seja: que "Cada Supremo



Mário Behring

Conselho deve ser soberano e livre de qualquer direção por parte de qualquer outro Corpo ou organização maçônica, no processo de escolha dos seus membros, na eleição de seus oficiais, no tempo de exercício das respectivas funções, na adoção dos estatutos, na relação que mantém com os diversos Corpos que lhe são subordinados em sua jurisdição..."

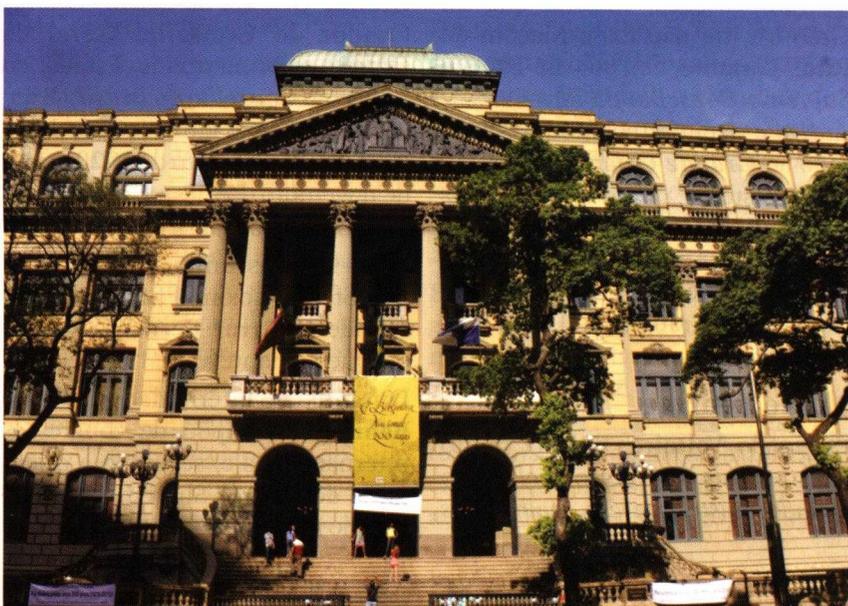
Mário Behring conclamou o *Grande Oriente do Brasil* a modificar suas leis referentes ao funcionamento confederado dos dois Corpos. A resolução dessa Conferência dizia não ser "admitindo que quaisquer corporações maçônicas intervenham direta ou indiretamente no Supremo Conselho do REAA, seja na eleição dos oficiais ou mesmo na de Grande Comendador."

Em 1925, **Mário Behring** – Grão-Mestre e, portanto, pelas leis do *Grande Oriente do Brasil* ainda Soberano Grande Comendador – apontou a irregularidade dessa acumulação de cargos propondo a separação das duas jurisdições. **Behring** não se candidatou mais ao cargo de Grão-Mestre. Passou para **Vicente Saraiva de Carvalho Neiva** o exercício do cargo de Grão-Mestre optando por conservar o de Grande Comendador. Seu afastamento seria incompreendido se analisado pelos costumes do *Grande Oriente* mas foi coerente com as leis do Rito Escocês Antigo e Aceito nos demais países.

Em nova eleição, **Saraiva de Carvalho Neiva** foi escolhido como Grão-Mestre. Empossado no dia 21 de dezembro de 1925, faleceu dois meses depois. **João Severiano de Fonseca Hermes**, assumindo o Grão-Mestrado, assinou um tratado pelo qual os Graus Simbólicos permaneceriam com o *Grande Oriente* e os Altos Graus com o *Supremo Conselho* (27 de outubro de 1926).

Mas em novembro do mesmo ano com a licença pedida por **Fonseca Hermes**, assumiu interinamente o Grão-Mestrado o Adjunto, **Octávio Kelly**. O ex Grão-Mestre **Thomas Cavalcanti** vinha alegando que **Fonseca Hermes** fora longe demais nos termos do tratado com **Behring** e pediu a anulação dos poderes conferidos ao também Grão-Mestre já falecido, **Vicente Saraiva**. Essa proposta, apesar de não ter sido aprovada, abalou os alicerces da regularidade proposta por **Behring**.

Mário Behring já previa essa reviravolta sabendo que **Octávio Kelly** não dividiria com ele o poder das duas Potências, e começou a promover reuniões e debates com os membros do Supremo Conselho. Mas as decisões de **Fonseca Hermes** foram vencidas e o tratado revogado.



De 1924 até 1932, Mario Behring foi diretor da Biblioteca Nacional, na Cinelândia, no Rio de Janeiro.



Ao mesmo tempo foi reconstruída uma *Oficina Chefe do Rito* num *Supremo Conselho* unido ao *Grande Oriente do Brasil*, denominado *Supremo Conselho Reconstituído*, revalidando o duplo mandato de Grão-Mestre e Soberano Grande Comendador; faltava o cargo de Presidente da República, que **Getúlio Vargas** jamais admitiria após a deposição e prisão do último Grão-Mestre na presidência da República Velha, **Washington Luiz**.

Em 20 de junho de 1927, durante Sessão do Conselho Geral, **Mário Behring** não se pronunciou sobre as eleições para Grão-Mestre do *Grande Oriente* e sim às eleições no Supremo Conselho, ficando as deliberações adiadas para a sessão seguinte.

Mas **Octávio Kelly** não esperou a outra sessão. No tal "dia seguinte" – 21 de junho de 1927 – **Kelly** declarou nulos, pelos Decretos nº 859, o tratado e todos os atos dos seus antecessores e publicou seguidamente, os Decretos nº 860 e nº 861 de julho de 1927, assinando-os na qualidade de Grão-Mestre Adjunto no exercício do Grão-Mestrado (pois sua eleição para Grão-Mestre aconteceu mais tarde, em 26 de junho de 1928).

Cumprе ressaltar que em 1927 **Mário Behring** não estava envolvido em qualquer disputa eleitoral, seja na Maçonaria ou fora dela. Durante a cisão governaram o *Grande Oriente do Brasil* os Grão-Mestres **João Severiano da Fonseca Hermes** (1926-1927) e **Octávio Kelly** (1927-1933).

Enquanto outros líderes da Maçonaria brasileira se batiam para manter os privilégios que aos poucos lhes escapavam das mãos, **Behring** foi perspicaz o bastante para antever o brusco retraimento que se avizinhava da Maçonaria brasileira pelas mãos de **Getúlio Vargas**. E diante dos Decretos nº 859, nº 859 e nº 859, **Behring** assumiu o término da

confederação havida desde 1864. Contra-atacou com seu famoso *Manifesto*, declarando a ruptura total com o **Grande Oriente do Brasil** e retirou-se daquela Potência em companhia de duzentas Lojas Simbólicas, sendo 108 do Rito Escocês Antigo e Aceito.

A cisão estava consumada e teve início a criação das **Grandes Lojas** no Brasil.

Behring não agiu às escuras: dirigiu uma circular às Lojas Escocesas, concedendo-lhes plena liberdade para permanecerem jurisdicionadas ao *Grande Oriente*, sob a condição única de adotarem outro Simbolismo de rito existente no *Grande Oriente*.

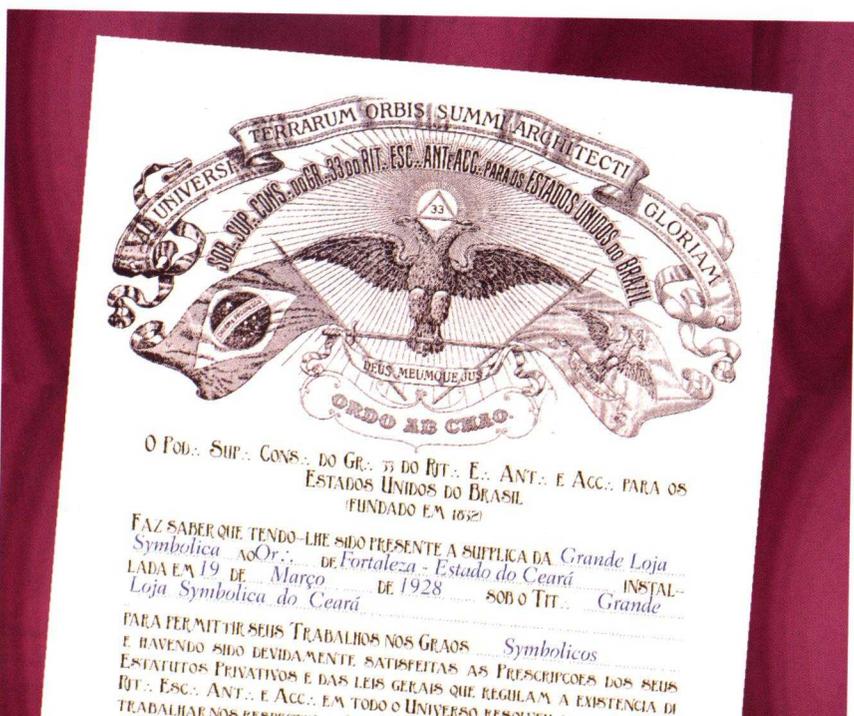
O sistema de **Grandes Lojas** introduziu no Brasil o modelo norteamericano: uma Grande Loja para cada Estado da Federação, sistema que logo recebeu o apoio das Grandes Lojas das Américas inglesa e latina.

Em 1929, realizou-se em Paris a *Quarta Conferência Internacional dos Supremos Conselhos do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito*, onde compareceu o Supremo Conselho (fundado por **Francisco Gê**), representado por **Mário Behring**. A informação circulava com lentidão naqueles tempos: telegramas, cartas que às vezes se extraviavam e mensageiros que colocavam as Amé-

ricas em contato com a Europa por prolongadas viagens de navio. Mesmo assim, três Maçons do Grau 33, José Maria Moreira Guimarães, Lourival Jorge Masaredo Souto e Hyppolito Hermes de Vasconcelos foram nomeados por Octávio Kelly para representar o "Supremo Conselho Reconstituído" do Grande Oriente do Brasil evidente ingerência da administração dos Graus Simbólicos nos Altos Graus (e vice-versa).

No dia 30 de abril, a comissão assim nomeada por Octávio Kelly não logrou ser recebida pelo encarregado da Assembleia dos Supremos Conselhos, René Raymond, que alegou já estar presente na Conferência o Supremo Conselho do Brasil representado por Mário Behring. Os três representantes rejeitados enviaram um protesto à Conferência no dia seguinte. Não obtiveram sucesso, pois pesou contra o "Supremo Conselho Reconstituído" do **Grande Oriente do Brasil** o fato de ele não ser soberano – isto é, estava adstrito a uma Potência Simbólica.

Nessa mesma Conferência ficou decidido que o único Supremo Conselho regular, reconhecido e única autoridade legal e legítima para o Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil era aquele fundado por **Francisco Gomes Brandão** e representado, na ocasião, por **Mário Behring**. ▲



Emblemas heráldicos do Rito Escocês Antigo e Aceito



Texto e ilustrações de
Ir. João Guilherme C. Ribeiro, 18º

(última parte)

Estamos chegando ao fim de nossa jornada pelos emblemas heráldicos do **Rito Escocês Antigo e Aceito**. Este Rito, nascido de inspiração nobre e ideais românticos em pleno alvorecer do Romantismo, merece ser conhecido além dos rituais. Se Maçonaria ensina por símbolos, por que não esmiuçar esses símbolos, tomando o cuidado de entendê-los no contexto da época em que foram criados?

Já comentamos que, apesar dos dois planos das Lojas que trabalham o Rito, a concepção da igualdade tam-

bém é um dos fundamentos do **R.:E.:A.:A.:**, porém diferenciado dos Ritos saxões, onde o piso tem um único plano.

No **Escocês**, a igualdade é demonstrada no Grau de Mestre, quando aos Mestres Maçons se concede o uso da espada. Quem se atém apenas às linhas dos rituais não se aperceberá jamais da riqueza e da abrangência do Rito que transcendeu suas origens ao atravessar o Canal da Mancha. O que começou com um discurso de um nobre e como prerrogativa de nobres não teria chegado

onde chegou se não contivesse tantas mensagens e lições caras aos que ainda conservam seus ideais.

Mas já falei demais.

Vamos aos derradeiros emblemas. Olhem-nos com o respeito que merecem, em nome dos que os criaram no passado e dos que os preservaram.

Nestes dias de tesoura e cola, a lei do menor esforço leva muitos a cair na armadilha de limitar sua abrangência à internet. Uma boa biblioteca é essencial e indispensável para evitar que a mediocridade nos aprisione.



Grau 28

Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto

Jim Tresner refere-se a este Grau como o de mais difícil compreensão em todo o Rito Escocês Antigo e Aceito. **Albert Pike** dedica a ele 219 páginas, um quarto do seu *Morals and Dogma*! No seu introito ao Grau, assim resume **McClenechan**: “Este é o último dos Graus Filosóficos; sua doutrina deriva da Cabala e é a mesma dos filósofos Herméticos que escreveram sobre Alquimia. A Natureza é revelação e a luz da verdade brilha em todas as partes do mundo. [...] Aquele que prefere qualquer coisa à razão, verdade e justiça, aquele cuja vontade é incerta e hesitante, que se alarma com a lógica e a verdade nua, não deve engajar-se nas altas ciências.” O escudo deste que já foi o 23º Grau do Rito de Perfeição, criado pelo Conselho dos Imperadores do Ori-



ente e do Ocidente, é cortado. O campo superior vermelho tem um Sol de ouro, irradiando raios luminosos. O campo inferior azul tem ao centro um Triângulo de ouro, cercado por Querubins, do qual se desprendem Raios em todas as direções e onde está inscrita, em relevo, a Letra **Iod**.



Grau 29

Grande Cavaleiro Escocês de Santo André ou Patriarca das Cruzadas

Nenhuma religião tem o monopólio da verdade. Tolerância e equanimidade e mútuo respeito são a chave deste Grau em que a influência de **Ramsay** se manifesta intensamente. A cor azul do escudo, característica da boina dos *highlanders* que apoiaram a dinastia **Stuart**, e a Aspa, ou Cruz de Santo André são associados à Escócia. A aspa em verde, tem as Letras **B, J, M** e **N** em ouro nas suas extremidades. Na bandeira do Grau, descrita por **Albert Pike**, as letras seriam judaicas, as mesmas do Tetragrama Sagrado: **Yod, He, Vav** e **He**. Sobre o ponto de encontro das hastes, há um Aro dourado, do qual pende uma Chave dourada. Inscrito neste



aro, está um Triângulo prateado, onde a Letra **Y**, referente ao **Yod**, está gravada a ouro, dentro de um oval dourado.





Grau 30

Cavaleiro Kadosh ou Cavaleiro da Águia Branca e Negra



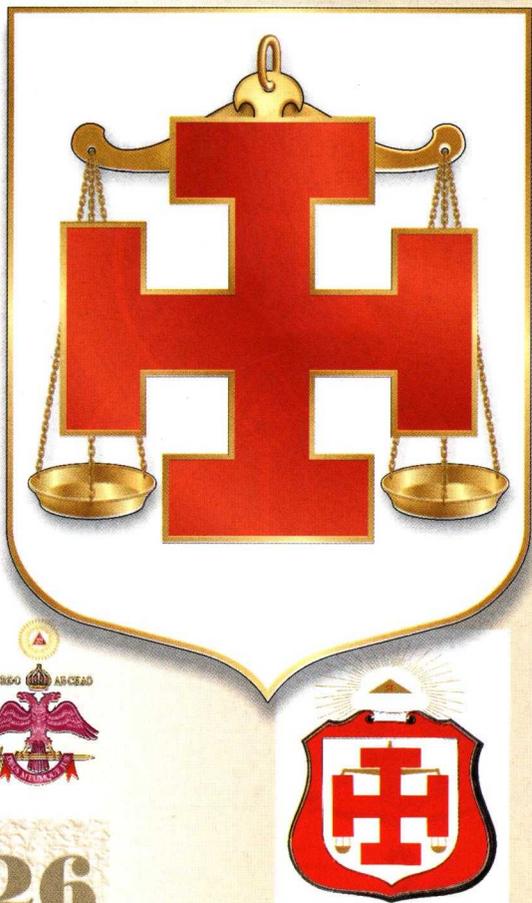
Este era o 24º Grau do Rito de Perfeição. *Kadosh* significa santo, consagrado ou purificado. O escudo é branco. No centro, ao alto, está uma Cruz Templária ou Pátea. Na base, um Crânio trespassado por um Punhal de cabo dourado e lâmina prateada. À esquerda, está um Candelabro de Sete Velas dourado, em dois estágios, três velas acesas em cima e quatro embaixo, duas de cada lado, acesas. Os dois lados da Escada Mística, aberta, como descreve **Pike**, são “os dois pilares da verdadeira moralidade e excelência de virtude, o Amor à Divindade e o Amor ao Próximo”. **José Castellani** enumera seus degraus: “de um lado, as sete Artes Liberais da idade Média, e do outro, as doutrinas gnósticas as quais se chega por intermédio daquelas artes ou ciências”. Ambas são necessárias ao Cavaleiro Kadosh para o exercício de sua missão. Sobre ela, estão as Letras **N, P e U**, iniciais de *Ne plus Ultra*, isto é, nada mais além, expressão latina que significa excelência, o ponto mais alto, o ápice.

Grau 31

Grande Inspetor Inquisidor

A introdução de **McClenechan** a este Grau descreve bem sua natureza: “Fazer justiça é um dever solene

e uma tarefa não agradável, porque nisto o homem usurpam de certa forma, as funções de Deus, e, por conseguinte, deverá ser justo, reto, imparcial, sem levar em consideração indivíduos, influências, posições de nível e poder”. Mas, adverte, “é necessário lembrar a debilidade das debilidades da natureza humana e perdoar enquanto ainda restar esperança de recuperação”. Por isto, busca-se inspiração na sabedoria dos grandes personagens do passado para uma justiça sem manchas. Assim, o branco é a cor predominante em tudo que se refere aos paramentos do Grau. No escudo, se a Cruz Teutônica vermelha, orlada de ouro, remete às Ordens de Cavalaria, a Balança dourada, remete à justiça, lembrada no julgamento dos mortos por **Osíris**. O peso do coração do morto, em um dos pratos da balança, era comparado à Verdade, simbolizada por uma pena de avestruz, colocada no outro prato.

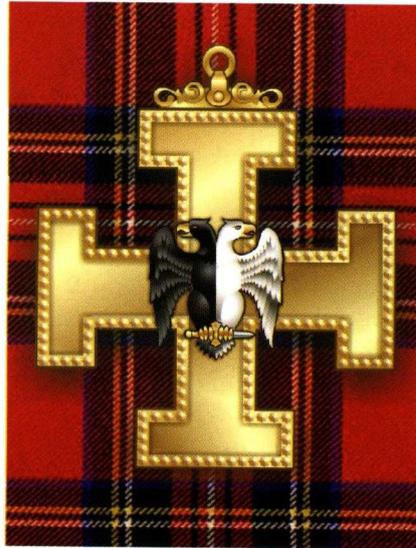


Grau 32

Sublime Príncipe do Real Segredo

Este era o 25º Grau do Rito de Perfeição, o topo da hierarquia à época de **Etienne Morin**, em 1758. Na Maçonaria americana, continua sendo o ápice, porque o Grau 33 é meritório. Voltando ao ritual de 1884, *“este é o terceiro e último dos Graus Kadosh e consoma a conexão Templária na Maçonaria. Era originalmente um Grau cristão das Ordens de Cavalaria, cujo objetivo foi, por muito tempo, a retomada da Terra Santa e fazer tremular, uma vez mais, o estandarte da Cruz nas muralhas de Jerusalém”*. Com efeito, a base do Grau é o acampamento Templário, no qual todos os Graus do Rito estão agrupados em rígida hierarquia, sob o Soberano Grande Comendador, representado pela Águia Negra Bicéfala. O escudo é branco, orlado de vermelho. Ao centro, há uma Cruz Teutônica

vermelha, orlada de ouro. Sobre ela, a Águia Bicéfala negra, segura em suas garras uma Espada de punho dourado e lâmina prateada.



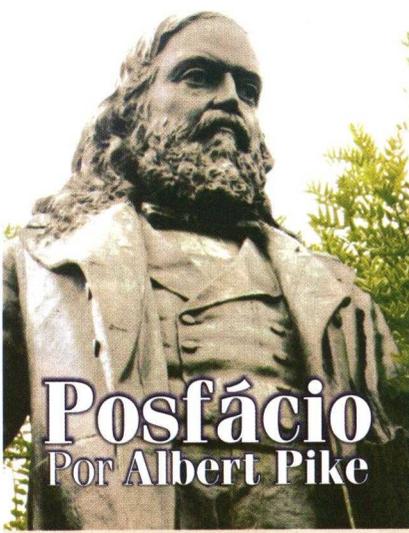
Grau 33

Grande Inspetor Geral

O ritual de 1884 diz que *“o Grau 33, o de Inspetor Geral, sendo apenas de caráter apenas executivo (isto é, administrativo), não se considera essencial ou de interesse dos Irmãos reproduzir parte de suas leituras. É conferido em caráter honorário àqueles que, por seus méritos e longo árduo e duradouro serviço merecem o reconhecimento da Ordem”*. O escudo é branco, tendo ao centro uma Águia Bicéfala negra, que segura em suas garras uma Espada de punho dourado e lâmina prateada. Uma Faixa dourada pende da Espada, com o dístico *Deus Meumque Jus* (Deus e meu direito) em letras negras. No brasão italiano, a Faixa pendente da espada é azul. Nele, por trás do escudo, aparecem

cruzados Espada e o bastão com a Mão da Justiça, como também Estrela de 9 Pontas formada por três triângulos entrelaçados, tendo as letras da palavra *SAPIENTIA* (Sabedoria, em latim) intercaladas com as pontas.





Posfácio Por Albert Pike

Nada mais justo do que encerrar nosso trabalho com palavras de **Albert Pike**. Elas foram proferidas em 29 de abril de 1857, no Grande Consistório da Louisiana, quando ele era ainda uma promessa, tendo recebido seu Grau 33º apenas quatro dias antes. Porém, pelo seu conteúdo, podemos antever as linhas mestras de vida deste gigante da Ordem.

"[...] **Meus Irmãos**, permitam-me persuadi-los de que muito há que fazer se quisermos que a Maçonaria cumpra corretamente sua missão. Não é suficiente meramente receber três ou quatro dos graus e então, imaginando os demais, viver em indolência satisfeita, sem esforçar-se para conhecer a ciência e a filosofia do sistema. É chegada a hora em que aqueles que desejam real e verdadeiramente ser Maçons do Rito Escocês devem estudar e refletir. Envidarei meus melhores esforços em ajudá-los a penetrar no coração da Maçonaria e a desvendar seus profundos segredos, aquela luz para a qual todos os Maçons no mínimo lutam para alcançar, aquele Verdadeiro Trabalho que é a remuneração do labor do Maçom. Porém, se eu não tiver sucesso nesta tarefa, meus Irmãos, não vos desencorajais nem desanimeis. A Maçonaria deve ser verdadeira em si ou, por mais numerosos que sejamos, suas muralhas serão derrubadas por seu próprio peso. Nesta era intelectual e prática, a Maçonaria deve fazer valer sua dignidade e assumir sua posição de instituição intelectu-

al e filosófica, ou todas as suas fórmulas, cerimônias e títulos grandiloquentes não a salvarão da merecida desgraça e dissolução.

É tempo de elevar [a Maçonaria] a um patamar mais alto; e aqui, de todos os lugares, o esforço para alcançá-lo deve ser feito. Aqui, acredito, podemos começar e levar adiante com sucesso o trabalho indispensável de reforma que, com o passar do tempo, porão um fim ao reinado das estripolias e infantilidades, fazendo a Maçonaria aquilo que ela deve ser: a grande mestra das verdades morais e filosóficas; [...] a defensora do direito de liberdade de pensamento, de consciência e de palavra; o apóstolo da liberdade racional e consciente; a protetora dos oprimidos, a defensora da gente comum, a fiadora da dignidade do trabalho e dos direitos do trabalhador; a inimiga da intolerância, do fanatismo e das atitudes preconceituosas [...]."

Este discurso é absolutamente atemporal. Poderia ter sido proferido hoje com toda a atualidade e, queira Deus, não precise ser proferido amanhã.

Que assim seja. ▲

Bibliografia Geral

Abbé Péreau – *Le Secret des francs-maçons, avec un recueil de leurs chansons, précédé de quelques pièces de poésies*, inconfidência publicada em Genebra, em 1742, in *Bibliografia de la Masoneria*, de **José A. Ferrer Benimeli**;

A. Kornerup e J.H. Wanscher – *Methuen Handbook of Colour*, Eyre Methuen, 1978)

Alex Horne – *Sources of Masonic Symbolism*, Macoy, 1981;

Bernard E. Jones – *Freemasons' Guide and Compendium*, Harrap, 1950;

Arthur Edward White – *A New Encyclopedia of Freemasonry*, Wings Books, 1970;

C. Fred Kleinknecht, 33º – *Forms and Traditions of the Scottish Rite*, Scottish Rite Research Society, 2000;

Charles MacKechnie-Jarvis – *Grand Stewards 1728-1978 (1978)* – *The Collected Prestonian Lectures*, Lewis Masonic, 1988;

Charles T. McClenechan – *Book of the Ancient & Accepted Scottish Rite (1884)*, disponível no site da Phoenixmasonry (www.phoenixmasonry.org/AASR1884)

Daniel Beresniak e Laziz Hamani – *Symboles des Francs-Maçons*, Editions Assouline, 1997;

Eugen Lennhoff – *The Freemasons*, Lewis Masonic, 1994;

Frederick William Seal-Coon - *Jamaica and the Scottish Rite*, in *Engenho & Arte* #7, 2000

Giordano Gamberini, Giovanni Pica, Giovanni Ghinazzi e Leone Braschi, ilustrado por **Lorenzo Crinelli e Carlo Pierallini** – *Gli Emblemi Araldici della Massoneria di Rito Scozzese Antigo ed Accettato*, Convivio, 1988.

Harold V. B. Voorhis, 33º - *The Story of the Scottish Rite of Freemasonry*, Macoy, 1965;

Henry C. Clausen – *Clausen's Commentaries on Morals and Dogma*, Supreme Council 33º, S.J., USA, 1983;

Henry Wilson Coil - *Coil's Masonic Encyclopedia*, Macoy, 1996;

Jan L. Baderstadt, 32º - *On the Wings of the Double Eagle*, Coffee Time Press, 2004;

Jim Tresner, 33º - *Our Bicephalous Bird*, in *The Plumline*, vol. 8, nº 4, 2001;

Jim Tresner, 33º - *Vested in Glory*, Supreme Council 33º, S.J., USA, 2000;

Joaquim da Silva Pires – *Paris, 1929*, in *Engenho & Arte* #7, 2002;

John Hamill e R. A. Gilbert – *World Freemasonry*, Aquarian/Thorson, 1991;

José A. Ferrer Benimeli – *Bibliografia de la Masoneria* - Fundación Universitaria Española, 1978;

José Castellani - *O Supremo Conselho no Brasil*, Editora Maçônica A Trolha, 2000;

José Castellani e Cláudio Roque Bueno Ferreira – *Manual Heráldico do Rito Escocês Antigo e Aceito do 1º ao 18º*, Gazeta Maçônica, 1995;

José Castellani e Cláudio Roque Bueno Ferreira – *Manual Heráldico do Rito Escocês Antigo e Aceito do 19º ao 33º*, Madras, 1997

Kurt Prober - *História do Supremo Conselho do Grau 33 do Brasil*, Livraria Kosmos Editora, 1981;

Leon Zeldis – *Simbolismo das cores na Maçonaria*, in *Engenho & Arte* #3, 1999;

Paul Naudon – *Histoire et Rituels des Hauts Grades Maçonniques*, Dervy, 1972;

Paul Naudon – *Histoire Générale de la Franc-Maçonnerie*, Office du Livre, 1981;

S. Brent Morris, Editor - *Heredom, The Transactions of the Scottish Rite Research Society*, 2002;

Whitney Smith – *Flags Throughout the ages and Across the World*, McGraw-Hill, 1975;

William L. Fox, Editor - *The Valley of the Craftsmen*, Supreme Council 33º, S.J., USA, 2001;

W. Kirk MacNulty – *Freemasonry, A Journey through Ritual and Symbol* – Thames and Hudson, 1991;





Escritores & Estudiosos

A Revista *Astréa* se propõe a ser o seu veículo em seus trabalhos sobre nosso Rito Escocês Antigo e Aceito. Por isto, a Grande Secretaria do Interior de nosso Supremo Conselho pede aos Irmãos que divulguem em seus Vales que as páginas da *Astréa* estão abertas a trabalhos de caráter filosófico e incentivem os Irmãos pesquisadores que submetam sua criação.

Continuamos a publicar os trabalhos selecionados de nossos Ill.: PPod.: IIr.:, como determinara nosso S.: G.: Com.:
Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º,
para que nossa *Astréa* retomasse o sonho de seu criador, o S.: G.: Com.:
Mário Marinho de Carvalho Behring.

Supremo Conselho do Grau 33 do
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil:
em amizade com todos
os Supremos Conselhos
regulares do mundo.



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil
Tels: (+55 21) 3369-8000
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>